



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
6º LEVANTAMENTO

Março 2026

**volume 13
NÚMERO**

6

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerpa – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
6º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Malheiro Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 6
sexto levantamento, março 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras
(1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra
(2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
34	ARROZ
45	FEIJÃO
67	MILHO
85	SOJA
101	TRIGO
104	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
111	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

O levantamento de campo, referente à safra de grãos 2025/26, realizado em fevereiro, confirma as projeções anteriores, e indica crescimento de 1,7% na área de plantio, estimada em 83,2 milhões de hectares. Esse incremento corresponde à incorporação de 1,4 milhão de hectares em relação à safra anterior.

Ao final de fevereiro, considerando-se a área destinada às culturas de primeira safra, estimada em 55,2 milhões de hectares, e acrescendo-se 65% da área já semeada com o milho de segunda safra, em 11,5 milhões de hectares, a área total semeada com os produtos analisados, alcançava cerca de 66,7 milhões de hectares, o equivalente a 80% da área total prevista.

No que se refere à produção, a estimativa atual mantém a tendência de crescimento observada nos levantamentos anteriores, apontando volume de 353,4 milhões de toneladas. Esse resultado representa aumento de 0,3% ou 1,2 milhão de toneladas, em relação à safra anterior.

Durante o período da pesquisa, as principais culturas de primeira safra já se encontravam em fase de colheita. O feijão apresentava 60,7% da área colhida, seguido pela soja, com 41,7%, pelo milho, com 24,9%, e pelo arroz, com 9,2%.

Quanto às culturas de segunda safra, cujo plantio encontra-se em andamento, o milho permanece como a principal cultura do grupo. No período de análise, já havia sido semeada 65% da área prevista, com destaque para Mato Grosso, principal estado produtor, que registrava 85,6% da área implantada e Goiás, com 62%.

As culturas de inverno têm o plantio previsto para o início de março, enquanto as culturas de terceira safra deverão ser implantadas a partir de meados de abril.

A Região Norte/Nordeste, com a produção estimada em 56,2 milhões de toneladas, equivale a 15,9% da produção de grãos do país, enquanto a produção das Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, projetada em 297,2 milhões de toneladas, corresponde a 84,1% da produção nacional. Destaque para a Região Centro-Oeste, principal produtora, com 176,2 milhões de toneladas, o que representa 49,9% do total da produção do país.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.013,6	(3,5)	2.773	2.673	(3,6)	5.782,8	5.382,3	(6,9)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.013,6	(3,5)	1.954	1.885	(3,6)	4.076,1	3.795,1	(6,9)
AMENDOIM TOTAL	280,4	281,6	0,4	4.136	4.280	3,5	1.159,7	1.205,1	3,9
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,3	0,4	4.202	4.350	3,5	1.147,6	1.193,1	4,0
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,3	-	1.662	1.668	0,3	12,1	12,0	(0,8)
ARROZ	1.763,9	1.548,9	(12,2)	7.233	7.216	(0,2)	12.757,7	11.177,4	(12,4)
Arroz sequeiro	394,6	284,2	(28,0)	2.935	2.757	(6,0)	1.158,2	783,7	(32,3)
Arroz irrigado	1.369,3	1.264,7	(7,6)	8.471	8.218	(3,0)	11.599,5	10.393,7	(10,4)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.580,6	(4,2)	1.136	1.130	(0,6)	3.059,9	2.916,1	(4,7)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	807,2	(11,2)	1.170	1.182	1,0	1.062,7	954,0	(10,2)
Cores	347,3	333,1	(4,1)	1.707	1.771	3,8	592,8	590,0	(0,5)
Preto	169,0	119,7	(29,2)	1.953	1.767	(9,5)	330,2	211,5	(35,9)
Caupi	392,2	354,4	(9,6)	356	430	20,8	139,7	152,5	9,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.346,5	(3,8)	953	935	(1,8)	1.333,6	1.259,5	(5,6)
Cores	294,6	301,7	2,4	1.499	1.502	0,2	441,6	453,0	2,6
Preto	286,6	230,3	(19,6)	1.616	1.652	2,2	463,2	380,5	(17,9)
Caupi	818,9	814,5	(0,5)	524	523	(0,2)	428,9	425,9	(0,7)
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	426,9	11,1	1.726	1.646	(4,7)	663,7	702,6	5,9
Cores	326,5	361,0	10,6	1.881	1.802	(4,2)	614,2	650,6	5,9
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.145	(9,7)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	51,8	18,3	721	695	(3,7)	31,6	36,0	13,9
GERGELIM	608,0	611,0	0,5	657	656	(0,1)	399,4	401,1	0,4
GIRASSOL	61,9	63,8	3,1	1.622	1.616	(0,4)	100,4	103,0	2,6
MAMONA	69,6	76,1	9,3	1.437	1.936	34,7	100,0	147,3	47,3
MILHO TOTAL	21.838,0	22.408,2	2,6	6.464	6.171	(4,5)	141.157,6	138.270,3	(2,0)
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.058,9	7,6	6.610	6.738	1,9	24.935,8	27.350,1	9,7
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.761,5	1,9	6.496	6.105	(6,0)	113.228,4	108.434,8	(4,2)
Milho 3ª Safra	635,1	587,8	(7,4)	4.714	4.228	(10,3)	2.993,6	2.485,3	(17,0)
SOJA	47.346,1	48.434,8	2,3	3.622	3.672	1,4	171.480,5	177.846,7	3,7
SORGO	1.632,0	1.870,3	14,6	3.739	3.676	(1,7)	6.102,2	6.876,0	12,7
SUBTOTAL	78.378,5	79.888,9	1,9	4.365	4.310	(1,3)	342.100,2	344.325,3	0,7
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	509,0	(6,7)	2.368	2.253	(4,9)	1.292,3	1.146,7	(11,3)
CANOLA	211,9	275,7	30,1	1.627	1.620	(0,4)	344,8	446,5	29,5
CENTEIO	2,1	2,1	-	2.381	2.238	(6,0)	5,0	4,7	(6,0)
CEVADA	139,2	149,9	7,7	4.358	3.898	(10,6)	606,6	584,3	(3,7)
TRIGO	2.445,9	2.318,3	(5,2)	3.219	2.978	(7,5)	7.873,4	6.904,8	(12,3)
TRITICALE	11,4	11,4	-	3.211	2.947	(8,2)	36,6	33,6	(8,2)
SUBTOTAL	3.356,3	3.266,4	(2,7)	3.027	2.792	(7,8)	10.158,7	9.120,6	(10,2)
BRASIL (2)	81.734,8	83.155,3	1,7	4.310	4.250	(1,4)	352.258,9	353.445,9	0,3

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em março/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.377,4	7,0	3.804	3.782	(0,6)	22.664,3	24.116,4	6,4
RR	171,9	181,5	5,6	4.027	3.866	(4,0)	692,3	701,7	1,4
RO	1.242,8	1.277,0	2,8	4.369	4.386	0,4	5.429,7	5.600,5	3,1
AC	68,7	73,2	6,6	3.082	3.247	5,4	211,7	237,7	12,3
AM	28,6	32,8	14,7	3.024	2.982	(1,4)	86,5	97,8	13,1
AP	14,0	15,7	12,1	2.143	2.255	5,2	30,0	35,4	18,0
PA	2.023,8	2.237,0	10,5	3.480	3.364	(3,3)	7.042,0	7.524,8	6,9
TO	2.408,6	2.560,2	6,3	3.808	3.874	1,7	9.172,1	9.918,5	8,1
NORDESTE	10.041,6	10.275,8	2,3	3.128	3.124	(0,1)	31.411,5	32.098,4	2,2
MA	2.257,6	2.300,6	1,9	3.895	3.781	(2,9)	8.792,4	8.698,2	(1,1)
PI	1.942,6	1.971,0	1,5	3.221	3.344	3,8	6.258,0	6.590,6	5,3
CE	938,7	937,3	(0,1)	379	630	66,2	356,1	590,9	65,9
RN	112,6	107,0	(5,0)	274	392	43,2	30,8	41,9	36,0
PB	224,2	226,1	0,8	388	531	36,8	87,0	120,0	37,9
PE	370,7	368,5	(0,6)	947	930	(1,8)	351,1	342,8	(2,4)
AL	59,3	59,9	1,0	3.578	2.666	(25,5)	212,2	159,7	(24,7)
SE	194,7	194,5	(0,1)	6.738	5.967	(11,4)	1.311,9	1.160,5	(11,5)
BA	3.941,2	4.110,9	4,3	3.555	3.501	(1,5)	14.012,0	14.393,8	2,7
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.513,8	2,1	4.882	4.698	(3,8)	179.288,7	176.248,8	(1,7)
MT	22.300,1	22.676,2	1,7	5.040	4.850	(3,8)	112.395,7	109.977,9	(2,2)
MS	6.645,0	6.848,0	3,1	4.303	4.256	(1,1)	28.596,4	29.146,1	1,9
GO	7.593,0	7.802,6	2,8	4.921	4.640	(5,7)	37.365,1	36.205,5	(3,1)
DF	186,4	187,0	0,3	4.997	4.916	(1,6)	931,5	919,3	(1,3)
SUDESTE	6.994,0	7.152,7	2,3	4.311	4.326	0,3	30.153,3	30.941,8	2,6
MG	4.298,0	4.379,2	1,9	4.283	4.330	1,1	18.408,6	18.962,4	3,0
ES	25,2	25,6	1,6	2.829	2.660	(6,0)	71,3	68,1	(4,5)
RJ	2,8	2,6	(7,1)	3.286	3.423	4,2	9,2	8,9	(3,3)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.336	(0,8)	11.664,2	11.902,4	2,0
SUL	22.016,3	21.835,6	(0,8)	4.031	4.124	2,3	88.741,1	90.040,5	1,5
PR	9.954,9	10.061,7	1,1	4.491	4.475	(0,4)	44.710,3	45.025,8	0,7
SC	1.429,0	1.441,2	0,9	5.690	5.516	(3,1)	8.131,3	7.950,2	(2,2)
RS	10.632,4	10.332,7	(2,8)	3.376	3.587	6,2	35.899,5	37.064,5	3,2
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.653,2	4,1	3.380	3.376	(0,1)	54.075,8	56.214,8	4,0
CENTRO-SUL	65.734,8	66.502,1	1,2	4.536	4.469	(1,5)	298.183,1	297.231,1	(0,3)
BRASIL	81.734,8	83.155,3	1,7	4.310	4.250	(1,4)	352.258,9	353.445,9	0,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em março/2026.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta os resultados do sexto levantamento, da safra 2025/26, com atualizações das estimativas de área e produtividade, especialmente para as culturas de primeira safra, em colheita. As principais revisões são justificadas pelas condições climáticas e de mercado.

As culturas de primeira safra estão com a colheita em andamento, e os resultados da operação começam a tornar o cenário mais definido. Nos cultivos de segunda safra, em semeadura e desenvolvimento, as informações de campo indicam que as previsões iniciais de área e produtividade, baseadas em modelos estatísticos, informações climáticas e na análise mercadológica do produto, seguem na direção do que tende a se consolidar, mantendo alinhamento com os dados apresentados nas Perspectivas Agropecuárias, divulgadas em setembro de 2025.

A Conab reconhece e agradece o papel fundamental dos colaboradores em todas as Unidades da Federação no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitam estimar a safra brasileira de grãos.

Como parte da metodologia da estimativa, os dados de produtividade, por

cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI), e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com o auxílio da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE FEVEREIRO

Em fevereiro de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm em grande parte do país, exceto em áreas do Nordeste e Sul, bem como no extremo-norte da Região Norte, onde os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm e os níveis de umidade do solo foram mais reduzidos.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm e os maiores volumes concentraram-se no Amapá, leste do Amazonas, centro-norte do Tocantins, além das porções nordeste e sudoeste do Pará. Este cenário contribuiu para manutenção dos níveis de umidade do solo. Somente no norte de Roraima os totais de chuva foram inferiores a 40 mm, reduzindo o armazenamento hídrico do solo nessa área.

Na Região Nordeste, chuvas abaixo de 150 mm em áreas do Piauí, nordeste do Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e nordeste da Bahia pouco contribuíram para a recuperação da umidade do solo. No restante da região houve predomínio de chuvas, com volumes que ultrapassaram os 200 mm, em áreas do oeste da Paraíba, norte do Maranhão e noroeste da Bahia.

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

Esses acumulados garantiram boas condições para os cultivos de primeira e segunda safras, embora o excesso de chuva tenha dificultado pontualmente a colheita da soja em Tocantins, Maranhão e Piauí.

Bons volumes de chuva foram observados na maior parte da Região Centro-Oeste, com valores superiores a 200 mm, exceto no sul de Mato Grosso do Sul e nordeste de Goiás, onde os acumulados foram menores. Dessa forma, os níveis de umidade do solo encontram-se satisfatórios, beneficiando o desenvolvimento dos cultivos de primeira e segunda safras. Porém, o excesso de umidade afetou a colheita da soja e o plantio do milho segunda safra em algumas áreas.

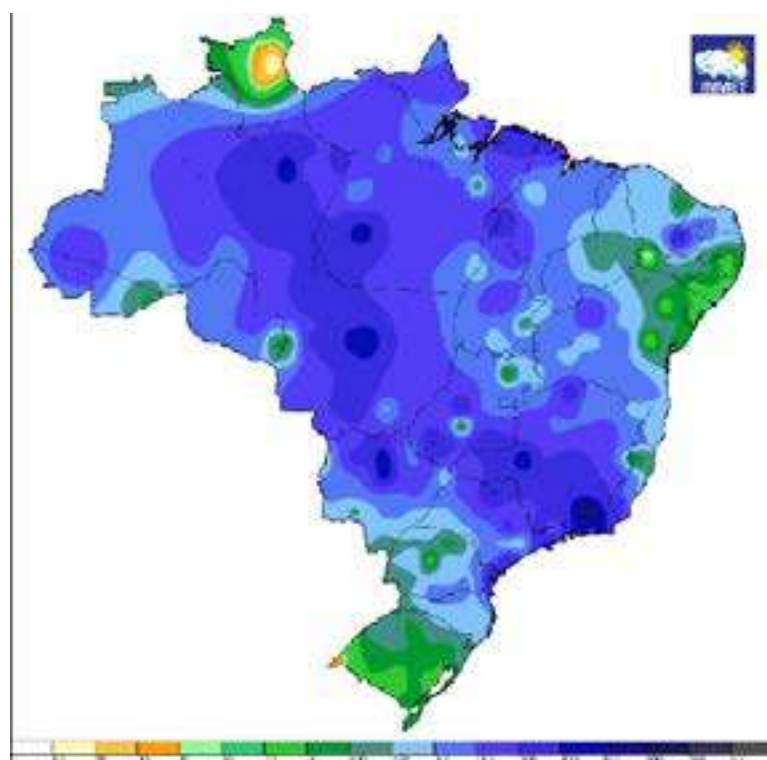
Na Região Sudeste, as chuvas foram superiores a 200 mm em grande parte da região. No sudoeste de Minas Gerais e centro-sul do Rio de Janeiro, os volumes foram muito significativos e acima de 400 mm, desencadeando enchentes e deslizamentos de terra. Com exceção desta área, onde houve excesso de água no solo, grande parte da Região Sudeste manteve os níveis de umidade do solo suficientes para o desenvolvimento das lavouras de grãos.

Na Região Sul, volumes superiores a 150 mm em grande parte de Santa Catarina e do Paraná garantiram boa umidade do solo, favorecendo a maioria das lavouras de primeira e segunda safras. Já na Campanha Gaúcha, os acumulados inferiores a 90 mm reduziram a umidade do solo, causando restrição hídrica à soja em floração e enchimento de grãos.

Em fevereiro, as temperaturas máximas foram acima de 28 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Os maiores valores foram observados no centro-norte da Região Nordeste, extremo-sul de Mato Grosso, além de áreas do oeste de Mato Grosso do Sul e Paraná. Em áreas da costa da Região Sudeste e da Região Sul, os valores permaneceram entre 24 °C e 28 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores superaram os 22 °C na

maior parte da Região Norte, centro-norte da Região Nordeste, assim como na porção central e oeste da Região Centro-Oeste. No sul de Minas Gerais e centro-leste da Região Sul, as temperaturas variaram entre 16 °C e 18 °C.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM FEVEREIRO DE 2026



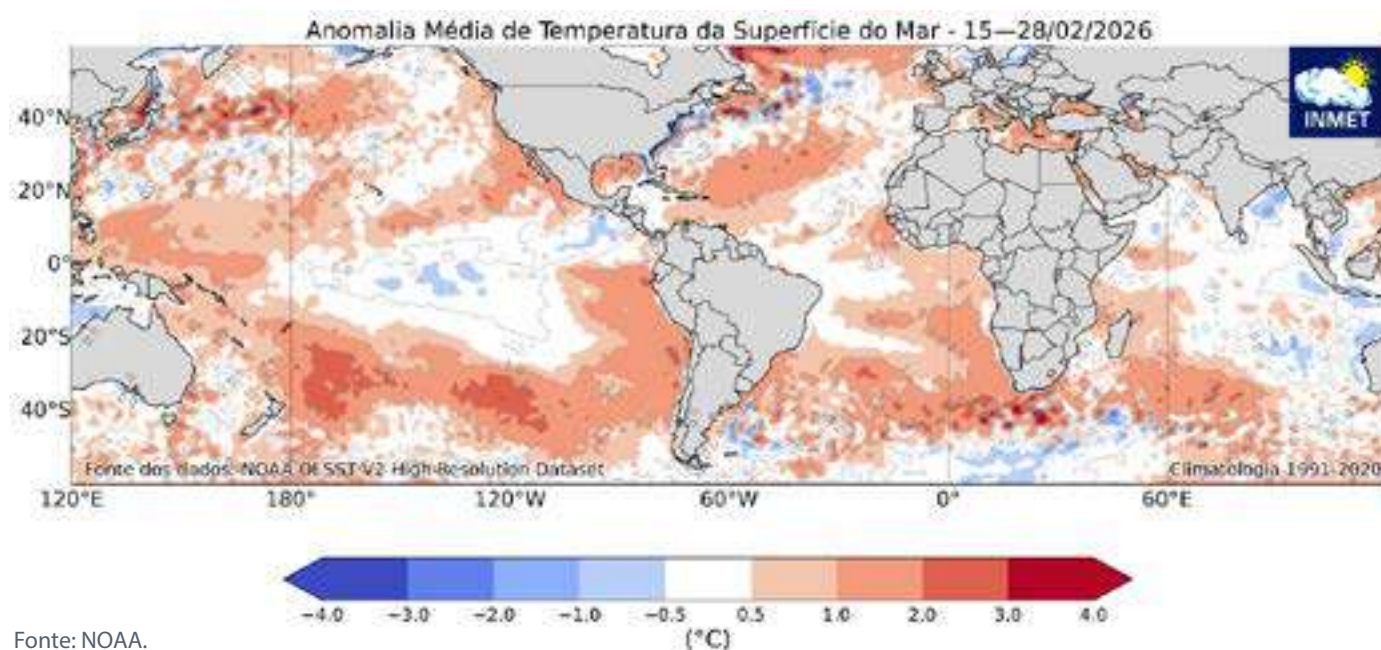
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura a seguir, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 15 e 28 de fevereiro de 2026. Nesse período, registraram-se valores entre 0 °C e -1 °C ao longo da faixa longitudinal compreendida entre 180°W e 100°W, indicando um leve resfriamento das águas nas partes central e oeste do Pacífico Equatorial. Destaca-se, também, o surgimento de águas mais quentes na costa oeste da América do Sul, na faixa entre 80°W e 110°W, com valores variando entre 0,5 °C e 2 °C.

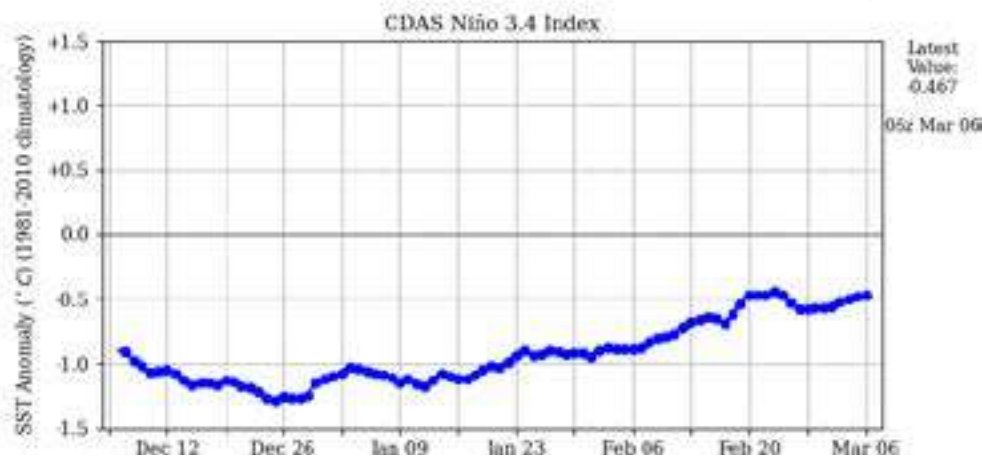
Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4 (delimitada entre 170°W e 120°W), verificaram-se valores variando entre -1 °C e -0,4 °C, durante fevereiro. Esse comportamento ainda indica um resfriamento da região, porém mais fraco em relação ao mês anterior.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 15 A 28 DE FEVEREIRO DE 2026



Fonte: NOAA.

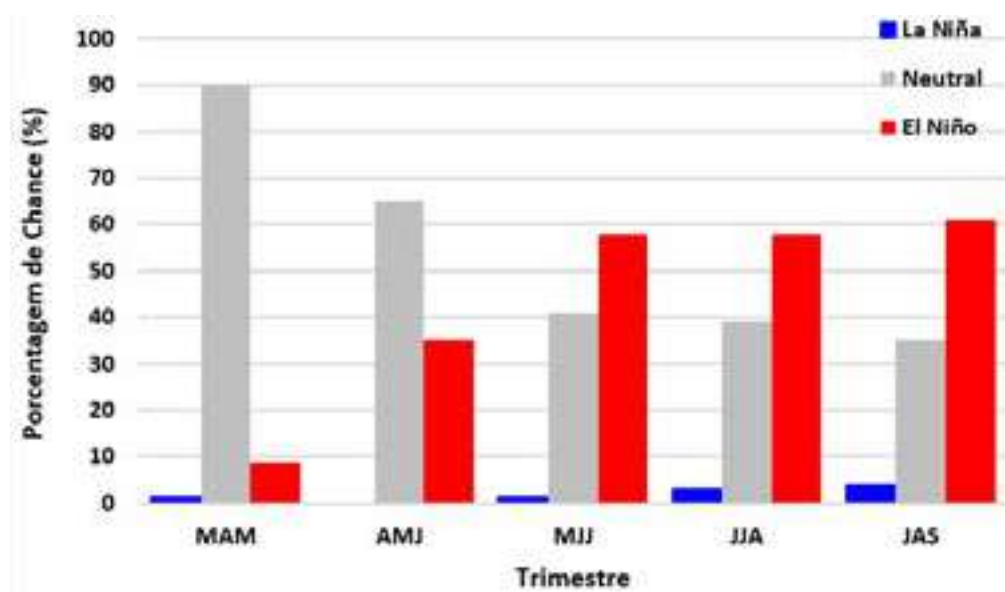
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do El Niño - Oscilação Sul (ENOS) , realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), indica para a transição das condições de La Niña para a Neutralidade durante o trimestre março, abril e maio de 2026, com probabilidade de 90%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MARÇO, ABRIL E MAIO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do Inmet, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média na maior parte da Região Nordeste, norte da Região Centro-Oeste e sul da Região Norte. Chuvas abaixo da média são previstas para o sul das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, além da Região Sul.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas acima da média na porção central do Amazonas, centro-sul do Pará, Amapá e Tocantins, elevando os níveis de umidade do solo. Nas demais áreas, são

previstas chuvas próximas e abaixo da média, não havendo previsão de baixos níveis de umidade no solo devido às chuvas ocorridas nos últimos meses.

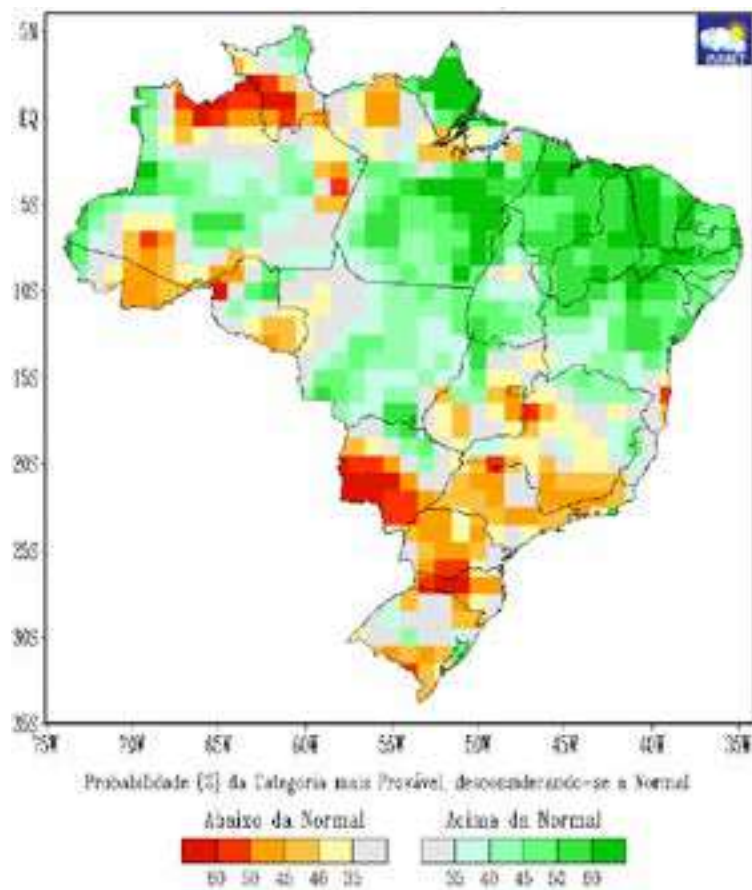
Na Região Nordeste, a previsão indica chuvas próximas e acima da média. Este cenário ainda não será suficiente para recuperar os níveis de umidade do solo no centro-leste da região. Porém, em áreas do Maranhão, oeste e sul da Bahia, bem como no Piauí, as chuvas devem manter os níveis de umidade do solo satisfatórios.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, são previstas chuvas próximas e abaixo da média. Em Mato Grosso, noroeste de Goiás e nordeste de Mato Grosso do Sul, podem ocorrer volumes acima da média, mantendo o armazenamento do solo elevado. Vale destacar que, à medida que se aproxima do inverno, existe uma tendência natural de redução das chuvas, portanto, em abril e maio, os níveis de umidade de solo poderão ser mais baixos.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média. Áreas pontuais do Rio Grande do Sul, como a Região das Missões e Depressão Central, podem ficar próximas e ligeiramente acima da média nos próximos meses. Quanto aos níveis de umidade do solo, esses devem permanecer satisfatórios, exceto no sul do Rio Grande do Sul durante março e abril, quando o armazenamento pode sofrer redução.

Quanto às temperaturas, essas devem permanecer próximas e acima da média histórica em grande parte do país. São previstas temperaturas acima de 25 °C nas Regiões Norte, Nordeste e em parte da Região Centro-Oeste. As temperaturas mais amenas e abaixo de 22 °C podem ocorrer na Região Sul, centro-leste da Região Sudeste e extremo-sul de Mato Grosso do Sul. Em áreas mais elevadas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem variar entre 15 °C e 17 °C.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE MARÇO, ABRIL E MAIO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.013,6 mil ha
- 3,5%

PRODUTIVIDADE

1.885 kg/ha
- 3,6%

PRODUÇÃO

3.795,1 mil t
- 6,9%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.954	4.076,1
2025/26	Fev./26	2.018,1	3.803,0
	Mar./26	2.013,6	3.795,1

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

No sexto levantamento, da safra 2025/26, observa-se a consolidação da implantação da cultura nos principais estados produtores, Mato Grosso e Bahia, enquanto em São Paulo, o desenvolvimento fenológico encontra-se mais adiantado.

Neste levantamento, a produção nacional de algodão em pluma está estimada em 3.795,1 mil toneladas, representando redução de 6,9% em relação à safra anterior. Esse recuo está associado, principalmente, à diminuição de 3,5% na área cultivada.

Entre os principais produtores, Mato Grosso e Bahia, apresentam redução tanto na área quanto na produtividade média das lavouras em comparação ao ciclo passado. Mato Grosso do Sul, estado que havia registrado a maior produtividade na safra anterior, também apresenta redução na produtividade, contribuindo para o recuo observado no desempenho produtivo nacional.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a semeadura foi concluída, e as lavouras encontram-se nas fases iniciais de desenvolvimento, com parte das áreas já em floração e início de formação de maçãs. O balanço hídrico favorável tem assegurado adequada umidade do solo, com precipitações acumuladas e níveis de insolação satisfatórios, favorecendo a emergência das plântulas e o desenvolvimento vegetativo da cultura.

No manejo fitossanitário, registra-se a ocorrência de pragas iniciais, especialmente lagartas e mosca-branca, exigindo monitoramento contínuo e aplicação de controle nos níveis de ação. Paralelamente, seguem estruturadas as estratégias preventivas contra o bicudo-do-algodoeiro, com

foco na mitigação de infestações e na preservação da sanidade das lavouras.

O cenário de preços em patamar considerado baixo tem travado as negociações e contribuído para a redução de área plantada em relação à safra passada. Ainda assim, em razão do elevado valor agregado da cultura e do perfil mais capitalizado dos produtores, a migração para outras culturas poderá ocorrer de forma pontual.

Bahia: a semeadura já foi concluída, com as áreas irrigadas totalmente implantadas e parte das lavouras já em floração e formação de maçãs. As condições climáticas foram favoráveis, com chuvas regulares e temperaturas elevadas, porém sem extremos que comprometessem o desenvolvimento. As lavouras apresentam bom estado fitossanitário, sem registros relevantes de pragas ou doenças.

Observa-se, entretanto, redução da área cultivada, concentrada principalmente nas áreas de sequeiro, em razão da menor rentabilidade esperada para a cultura diante da queda dos preços no mercado internacional e da adoção de estratégias de rotação com soja, milho e sorgo. Em contrapartida, o cultivo irrigado apresenta expansão, devido à maior segurança produtiva e menor exposição ao estresse hídrico, característica relevante, considerando o elevado custo e o ciclo mais longo do algodão.

É importante salientar que, embora a produtividade média estadual tenda à manutenção em razão da maior participação das áreas irrigadas, as lavouras de sequeiro apresentam expectativa de rendimento inferior, com base em parâmetros estatísticos das últimas safras.

Minas Gerais: o plantio das lavouras de algodão encontra-se finalizado. As lavouras de sequeiro já estão em fase de florescimento, com as mais adiantadas apresentando botões florais abertos nos terços inferior e médio das plantas.

Nesta safra, o percentual de áreas irrigadas superou o de sequeiro, o que resultou em expectativa de aumento de produtividade para a cultura. Entretanto, a área destinada ao algodão apresentou redução em relação à estimativa inicial.

Mato Grosso do Sul: na região sul, o regime de chuvas foi determinante para a cultura, considerando que as lavouras encontram-se em plena fase reprodutiva, período em que a disponibilidade hídrica é essencial para a manutenção do potencial produtivo. Já nas regiões centro e nordeste, os acumulados pluviométricos foram irregulares e esparsos, porém suficientes para atender, de modo geral, às demandas da cultura.

No conjunto do estado, as condições climáticas foram favoráveis, especialmente na região norte, onde o cenário atual se mostra mais consolidado em comparação ao início da safra, após um janeiro marcado por irregularidade hídrica e atraso nas operações de plantio.

No manejo fitossanitário, o monitoramento constante tem indicado pressão, ainda que baixa, de mosca-branca e tripses em parte das lavouras, exigindo intensificação das medidas de controle.

Com diversos talhões aproximando-se da fase de florescimento, as ações de monitoramento e as pulverizações voltadas à contenção do bicudo-do-algodoeiro estão sendo reforçadas, sobretudo após a identificação precoce do inseto nas bordaduras, comportamento de início do florescimento.



Foto 1 - Algodão - Floração - Aral Moreira-MS

Fonte: Conab.

Maranhão: o cultivo da primeira safra de algodão concentra-se no sul do estado, nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso. O plantio foi iniciado no fim de dezembro e concluído no início de janeiro, com leve atraso em relação aos anos anteriores. Suas lavouras encontram-se bem estabelecidas, com elevado vigor e bom potencial produtivo, em desenvolvimento vegetativo e com formação de botões florais.

O início da safra foi marcado por irregularidade na distribuição das chuvas, com ocorrência de veranico em janeiro. Contudo, a regularização das precipitações em fevereiro favoreceu a recuperação e o avanço do desenvolvimento das plantas.

O manejo fitossanitário tem sido conduzido de forma preventiva, com monitoramento sistemático e controle de pragas, especialmente bicudo e lagartas, além de doenças fúngicas.

Observa-se aumento de área na primeira safra em relação ao ano anterior, decorrente da substituição de áreas anteriormente destinadas à soja, e também expectativa de maior produção de algodão em caroço.

A segunda safra foi implantada após o início da colheita da soja, com lavouras ainda em fase vegetativa inicial. Diferentemente da primeira safra, houve redução de área em relação ao ciclo anterior, em razão das chuvas tardias e irregulares que limitaram a janela de semeadura. Como consequência, a produção estimada para a segunda safra é inferior à do ano passado.

No consolidado estadual, apesar do avanço na primeira safra, a redução da segunda resulta em retração da área total cultivada e em produção final inferior à registrada na safra anterior.

Piauí: a previsão climática confirmou o início antecipado do período chuvoso no sudoeste do estado, favorecendo a implantação e o desenvolvimento inicial da cultura. A semeadura teve início no primeiro decêndio de dezembro, e as lavouras encontram-se em pleno desenvolvimento vegetativo, apresentando boas condições em razão dos níveis adequados de umidade na maior parte das áreas.

Há estimativa de aumento de área em relação à safra passada. Contudo, a produtividade deve ficar inferior à registrada no ciclo anterior. Ainda assim, o cenário observado nos últimos anos permanece promissor para a cultura, com perspectiva de expansão gradual da área e condições consideradas favoráveis para a comercialização.

Goiás: a semeadura da segunda safra de algodão encontra-se praticamente concluída, restando apenas plantios pontuais em áreas sob pivô central. As lavouras já implantadas apresentam bom estabelecimento e distribuem-se entre diferentes estádios fenológicos, com predominância da fase vegetativa e avanço na floração.

O regime de chuvas ao longo de fevereiro foi, em sua maior parte, favorável à cultura, especialmente no início da fase reprodutiva, período de exigência hídrica. A partir da segunda quinzena, observou-se redução nas precipitações, contudo a adequada reserva de água no solo tem sustentado o desenvolvimento das lavouras.

A área total cultivada apresentou leve ajuste para baixo em relação ao levantamento anterior, e a produtividade média estimada para o algodão em caroço indica pequeno incremento quando comparada a janeiro, mantendo boas perspectivas para produção da safra.



Foto 2 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Chapadão do Céu-GO

Fonte: Conab.

Rondônia: as chuvas têm ocorrido de forma constante e bem distribuídas nas áreas destinadas ao algodão, favorecendo o estabelecimento e o desenvolvimento inicial da cultura. Com o plantio totalmente concluído, a maior parte dos talhões encontra-se em fase de emergência, enquanto o restante já avança para o desenvolvimento vegetativo.

As lavouras foram devidamente implantadas. Assim como na safra passada, parte da área inicialmente destinada ao algodão foi direcionada à outra cultura, não sendo observada expansão do cultivo para novas regiões.

Tocantins: a precipitação situa-se em bom patamar, com volumes e temperaturas compatíveis com o bom desenvolvimento da cultura. As lavouras encontram-se em estágio vegetativo, com ocorrência inicial de tripes, sendo realizado monitoramento constante e adoção antecipada de medidas de controle pelos produtores.

No município de Tocantínia, observa-se redução de área destinada ao algodão em virtude do cenário desfavorável do mercado da pluma, com substituição por milho em parte das áreas.

Paraná: o clima predominantemente quente e a boa luminosidade no norte e noroeste do estado, favoreceram o metabolismo das plantas e contribuíram para adequada retenção das estruturas reprodutivas.

O principal desafio climático foi a ocorrência de pancadas de chuva localizadas que, embora tenham mantido a umidade necessária ao enchimento das fibras, elevaram a umidade relativa do ar, demandando maior atenção ao manejo fitossanitário, sobretudo quanto a pragas e doenças foliares favorecidas por condições de calor e abafamento.

Atualmente, as lavouras apresentam 70% das áreas classificadas como boas e 30% como regulares, estas impactadas por condições climáticas menos favoráveis.

São Paulo: na região de Holambra e Paranapanema, a colheita está prevista para iniciar na segunda quinzena de abril, enquanto Martinópolis segue o calendário produtivo da região sudoeste.

Em Riolândia, a colheita deverá ocorrer mais tardiamente, entre o final de maio e junho, em razão do plantio realizado em período posterior às demais regiões.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S	S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em fevereiro, foi concluída a etapa de plantio em todas as áreas destinadas à cultura do algodão no país. Conforme o sexto levantamento, da safra 2025/26, realizado pela Conab, a área coberta pela cultura alcançou 2,01 milhões de hectares, representando uma redução de 3,5% em comparação com a safra anterior. Além disso, estima-se uma queda na produtividade média nacional de aproximadamente 3,6%, com previsão de atingir 1,89 t/ha. Diante dos mencionados fatores, projeta-se que a produção brasileira de algodão em pluma atinja 3,8 milhões de toneladas. Isso indica uma redução de 6,9% em relação à safra 2024/25.

A média diária das exportações de algodão em pluma em fevereiro de 2026 alcançou 15 mil toneladas, o que representa um aumento de 9,43% em relação ao mesmo período de 2025. No entanto, a redução do número de dias úteis no mês, em virtude do feriado de carnaval, resultou em uma queda de 1,5% no volume total mensal, alcançando 270,5 mil toneladas, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria,

Comércio e Serviços (MDIC). Ainda assim, neste ano, as exportações de pluma brasileira deverão crescer 6,6%, atingindo o volume recorde de 3,2 milhões de toneladas.

Em relação ao consumo interno, o cenário não tem se mostrado tão favorável para o setor quanto o das exportações. As elevadas taxas de juros, os sinais de desaceleração do crescimento da economia brasileira e as instabilidades do cenário geopolítico global têm inibido as indústrias, que, diante das incertezas e dos altos custos para investimento, têm restringido suas aquisições de algodão. A expectativa para 2026 é que o consumo doméstico de algodão se mantenha próximo ao mesmo patamar do ano anterior, chegando a 725 mil toneladas.

Com a redução da produção, o aumento das exportações e a estabilidade do consumo interno, projeta-se que o estoque final de algodão no país deverá cair em torno de 5,64%, chegando a 2,58 milhões de toneladas ao final deste ano.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25	2.400,1	4.076,1	0,8	6.477,0	720,0	3.026,0	2.731,0
2025/26	fev/26	2.731,0	3.803,0	1,0	6.535,0	720,0	2.770,0
	mar/26	2.731,0	3.795,1	1,0	6.527,1	725,0	2.577,1

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em março/2026.

estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.548,9 mil ha

- 12,2%

PRODUTIVIDADE

7.216 kg/ha

-0,2%

PRODUÇÃO

11.177,4 mil t

-12,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20		1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24		1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25		1.763,9	7.233	12.757,7
2025/26	Fev./26	1.589,9	6.997	10.914,6
	Mar./26	1.548,9	7.216	11.177,4

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26, para a produção de arroz, está com a semeadura concluída, com algumas áreas ainda para serem semeadas de acordo com o calendário regional, manejo e/ou clima nas áreas produtoras, conforme a situação mercadológica vigente.

Nas áreas da maior produção nacional, no Rio Grande do Sul, o plantio foi concluído e já houve início da colheita em algumas áreas, confirmando a estimativa de redução no plantio em comparação com o ciclo anterior; as

lavouras estão em sua maioria em fase de enchimento de grãos e maturação. Há áreas em destaque na realização da operação de colheita, como em Goiás, Mato Grosso do Sul e em Santa Catarina, que já ultrapassam mais de 50% da área total implantada já colhida.

De uma forma geral, as condições mercadológicas do cereal influenciaram de forma muito expressiva na decisão do plantio.

A estimativa mostra redução da área de produção, comparando-se com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.264,7 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa indica uma área de 284,2 mil hectares, ainda a ser confirmada no decorrer do monitoramento da atual safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: as lavouras encontram-se predominantemente nos estádios de floração e enchimento de grãos. Algumas áreas semeadas mais cedo já entraram na fase de maturação e há lavouras sendo colhidas, mas com percentual pouco representativo. As lavouras em colheita são, majoritariamente, áreas cultivadas em sistemas pré-germinados. Em termos de estado, ao final de fevereiro a colheita já havia sido realizada em 4% da área cultivada.

Os resultados foram superiores às estimativas iniciais, mas limitados pelo menor investimento nas lavouras. As demais áreas estão com 19% em maturação, 45% em enchimento de grãos, 23% em florescimento e final do desenvolvimento vegetativo em 9%. Os dias com elevada radiação solar favorecem o desenvolvimento e a sanidade das plantas. A ocorrência pontual de extremos de temperatura, baixa (abaixo de 15 °C) ou alta (acima de 35 °C), reduz o potencial produtivo, mas não de forma muito significativa, já que a

disponibilidade hídrica é satisfatória e não será fator limitante.

Assim, diante das condições das lavouras, o início da colheita e do estágio avançado do desenvolvimento das plantas, da disponibilidade adequada de água para a conclusão da operação e do ciclo ter apresentado radiação solar favorável para a cultura, houve ajuste na estimativa de produtividade média final, com aumento em relação ao levantamento anterior, mas ainda inferior à safra 2024/25.

Após a conclusão da semeadura e levantamento das informações consolidadas de campo constatou-se que todas as regiões apresentam redução de área em relação à safra anterior, até mesmo em relação ao estimado inicialmente para esta safra. As principais razões apresentadas para a redução são os baixos preços praticados no mercado interno, os altos custos de produção e o excesso de produto no mercado externo, condição que dificulta a exportação.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado encontra-se, predominantemente, entre os estádios de florescimento, enchimento de grãos e início de maturação, dependendo da época de semeadura e da região produtora. As condições térmicas do mês favoreceram o desenvolvimento fenológico, enquanto o manejo da lâmina de água contribuiu para mitigar eventuais deficit hídricos decorrentes da irregularidade das chuvas.

Quanto aos aspectos fitossanitários, não há registros generalizados de surtos severos e o monitoramento tem sido contínuo para brusone e mancha-parda, especialmente em áreas com maior nebulosidade e umidade. Houve ocorrência pontual de insetos aquáticos e caramujos, sem impacto significativo em escala estadual. A condição geral das lavouras é boa, com elevado vigor vegetativo observado nas principais regiões produtoras (Sul

Catarinense e Vale do Itajaí).

Tocantins: nas áreas de produção com o arroz irrigado, como na Lagoa da Confusão, as lavouras estão em boas condições, com registro de colheita iniciada. Pode ocorrer o plantio de segunda safra em várzeas sistematizadas e com irrigação por gravidade.

Maranhão: em relação ao cultivo de arroz irrigado no estado, este corresponde a 6% da área de produção de arroz total. O plantio ocorreu na última semana de junho e foi finalizado em dezembro de 2025. No entanto, parte considerável da área semeada de Viana e Grajaú teve que passar por replantio, devido à infestação de pragas e por baixa germinação de sementes, não sendo possível semear toda a área prevista, também devido aos baixos preços do produto no mercado. A colheita do arroz irrigado foi realizada entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, confirmando então a redução de área plantada nesta safra.

Já o plantio do arroz de sequeiro foi iniciado em dezembro de 2025 e ocorreu até meados de fevereiro de 2026, e as lavouras encontram-se em emergência, desenvolvimento vegetativo e floração. A colheita deve ocorrer entre abril e junho de 2026. Da mesma forma, a área de plantio de arroz de sequeiro no estado apresentou uma significativa retração em todas as regiões produtoras, em diferentes proporções, devido, principalmente, aos preços baixos do produto no mercado, inclusive, em algumas regiões, abaixo do custo de produção, o que desestimulou o plantio, ocorrendo substituição para culturas mais rentáveis, como soja ou milho.

Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas, ocorrendo a substituição pelo cultivo da soja em

algumas outras regiões. Outro fator a ser considerado, para a redução de plantio, é a diminuição ou mesmo ausência de abertura de novas áreas de cultivo, quando utilizam o arroz como cultura pioneira. Além disso, a menor intenção de plantio tem ocorrido devido à dificuldade na comercialização, crédito para custeio e aumento nos custos de produção, principalmente quando relacionado às pequenas áreas de produção da agricultura familiar.

Piauí: para as áreas com cultivo irrigado, o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Para esta safra deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Já as áreas com o cultivo em sequeiro ocorrem geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja.

Rondônia: as condições climáticas foram de chuvas acima da média e temperaturas elevadas, condições típicas da estação chuvosa na região, o que também é favorável para a cultura, sendo essenciais para o desenvolvimento das plantas que possuem alta exigência hídrica. Por questões principalmente mercadológicas, a decisão de plantio, ainda na janela ideal, foi influenciada nas expectativas desta safra. Em campo, as lavouras estão predominantemente em fase de maturação dos grãos.

Goiás: na maioria das áreas de tabuleiros, na região leste, o arroz foi colhido com bons rendimentos e algumas áreas de pivôs há lavouras na porção central do estado. Na região de São Miguel do Araguaia a colheita avança de forma escalonada, com boas produtividades. Ainda podem ocorrer plantios em áreas recém-colhidas de soja, em áreas irrigadas de pivôs, principalmente aquelas que sucedem culturas de alho, cebola e tomate rasteiro.

As chuvas contribuíram para o desenvolvimento da cultura em todas as etapas, com exceção em algumas localidades que, de forma pontual, interromperam a operação de colheita, a sanidade das lavouras também é satisfatória.

Paraná: condições climáticas favoráveis com alta radiação solar potencializaram o desenvolvimento das lavouras. O manejo eficiente do nível de água nas bacias foi fundamental para compensar as elevadas taxas de evapotranspiração decorrentes do calor intenso, garantindo a estabilidade térmica e hídrica necessária ao desenvolvimento das plantas.

As lavouras encontram-se, na sua maioria, em enchimento de grãos e maturação. A área teve redução, especificamente na região de Umuarama, em virtude de condição comercial desfavorável. Para as áreas com cultivo de arroz de sequeiro, embora 94% das lavouras apresentem boas condições, o deficit hídrico acentuado em fevereiro e a baixa tecnificação característica do cultivo de subsistência elevaram o índice de áreas regulares, podendo impactar negativamente o enchimento de grãos, especialmente nas regiões norte e noroeste, onde a reserva de água no solo atingiu níveis críticos conforme o monitoramento agrometeorológico regional.

Pará: as áreas de lavouras irrigadas, já com a colheita encerrada, apresentaram boas condições em campo, devido ao bom pacote tecnológico e disponibilidade de irrigação constante, assim como boa incidência solar, apesar da alta nebulosidade durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, e sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone.

Para o arroz de sequeiro, dependente das precipitações, o plantio ocorreu no início das chuvas, e a média de precipitações ocorridas nos últimos 30 dias favoreceram as lavouras, apesar de ter havido atraso no início da semeadura diante da irregularidade e dos volumes das precipitações neste período.

Mato Grosso: as condições climáticas, com chuvas abundantes e bem distribuídas, impulsionam o desempenho das lavouras para um provável bom rendimento produtivo. A colheita ainda segue lenta, conforme a maturação das lavouras, que em sua maior parte, em floração e enchimento de grãos.

Mato Grosso do Sul: as chuvas regulares foram propícias para as lavouras que foram semeadas nesse período, assim como favorável para as fases de desenvolvimento das lavouras que necessitavam de umidade, contudo



Foto 3 - Arroz irrigado - Desenvolvimento vegetativo - Mundo Novo-MS

Fonte: Conab.

algumas áreas tiveram a colheita suspensa em virtude dos solos encharcados, retomando a operação conforme a melhoria das condições. A colheita teve boa evolução, e houve controle de plantas daninhas nos talhões tardios, os quais apresentam boa sanidade.

Minas Gerais: as lavouras irrigadas do Sul de Minas se encontram em boas condições, com as primeiras áreas semeadas já em fase de maturação, cerca de 15-20%, e as demais áreas, principalmente, em fase de enchimento de grãos. No Norte e leste do estado, as áreas de arroz de sequeiro e de várzeas úmidas também encontram-se em boas condições.

A quase totalidade dessas lavouras também encontram-se em fase de enchimento de grãos. Porém, estas estão um pouco mais atrasadas que as lavouras irrigadas do Sul de Minas, devido ao plantio mais tardio, ocasionado pelo atraso da regularização das chuvas e, conseqüentemente, da elevação dos níveis de água dos córregos e do lençol freático das baixadas. Não houve confirmação de plantio nas áreas de arroz irrigadas do noroeste do estado, devido aos preços atuais de mercado pouco atrativos.

Amazonas: o cultivo de arroz ocorre em áreas de várzea, condicionadas ao regime de cheia e vazante dos rios, assim como em áreas de terra firme, especialmente no sul do estado. Houve registro de volumes elevados de chuva, alta umidade relativa do ar e temperaturas médias elevadas, condições que, de modo geral, favorecem o desenvolvimento vegetativo da cultura, sobretudo nas áreas inundáveis. Ainda assim, o calendário agrícola local costuma ser organizado a partir do cultivo da soja, influenciando o momento de implantação do arroz e das demais culturas na sucessão agrícola. Até o momento, não há registros significativos da cultura no período analisado.

Alagoas: as condições climáticas estão favoráveis à lavoura, alternando chuvas com dias de sol sem interferências na colheita do grão. As áreas

colhidas tiveram uma boa produtividade, enquanto que as áreas cultivadas com a lavoura e que ainda não foram colhidas estão em bom estado, sem incidência de pragas com a perspectiva de uma boa produção, a previsão para o final da colheita é abril de 2026.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,67				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C						
TO**	Ocidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**) =total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima uma produção de arroz da safra 2025/26 em 11,2 milhões de toneladas. Esse volume representa redução de 12,4% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição tanto da área plantada, -12,2%,

quanto da produtividade, -0,2%, da cultura no ciclo atual.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Além disso, após uma safra 2024/25 favorecida por condições climáticas ideais e maiores investimentos, o que resultou em recordes de produtividade em várias regiões, a expectativa para 2025/26 é menos otimista. Espera-se um clima menos propício ao cultivo e menor aporte de recursos no campo, motivado pelos preços baixos.

Quanto ao mercado externo, a projeção para 2024/25 é de um aumento nas exportações brasileiras, que devem atingir 1,85 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra seguinte, 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com previsão de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e na safra 2025/26. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo e a intensificação de campanhas de promoção do consumo interno deverão resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento significativo nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,2 milhões de

toneladas, devido ao excedente atual de oferta. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), ainda que permaneçam em patamar elevado, com projeção de 1,8 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO****ÁREA**

2.580,6 mil ha

-4,2%**PRODUTIVIDADE**

1.130 kg/ha

-0,6%**PRODUÇÃO**

2.916,1 mil t

-4,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25		908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Fev./26	804,7	1.202	967,2
	Mar./26	807,2	1.182	954,0

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a evolução da colheita foi expressiva no último mês, especialmente nas regiões onde o clima foi mais estável. Nos dias ensolarados e de poucas chuvas, as operações de sega foram intensificadas, chegando ao final de fevereiro com mais de 90% da área total colhida.

A previsão de incremento da produtividade média em comparação à temporada passada ainda se mantém, porém o potencial produtivo foi reduzido, principalmente pelo resultado em lavouras mais tardias do noroeste, que foram afetadas por mosca-branca, bem como pelas irregularidades pluviométricas em áreas de sequeiro.

Quanto à qualidade dos grãos, a maioria apresenta padrão satisfatório, mas há perdas importantes por conta de ataque de pragas e por excesso de umidade na maturação e colheita.

Bahia: em fevereiro houve redução do volume pluviométrico, mas com boa distribuição dessas precipitações, principalmente na região oeste. Isso ajudou na manutenção de boas condições gerais para as lavouras e também viabilizou um cenário propício para a evolução da colheita, que ultrapassou a metade da área total.

Há bom aspecto fitossanitário, sem danos significativos provocados por pragas ou doenças.

Tal cenário é bem diferente do ano passado, que sofreu com adversidades climáticas (prolongadas estiagens) e perdas relacionadas ao ataque de mosca-branca em muitas lavouras. Isso explica a previsão de aumento na produtividade média estimada em comparação ao resultado da safra 2024/25.

Goiás: a colheita foi concluída ao final de fevereiro, mesmo em meio às chuvas volumosas ocorridas no período, que acabaram prejudicando as operações de sega e à maturação/secagem dos grãos, acarretando em perdas pontuais de qualidade em alguns lotes, por excesso de umidade. Já o potencial produtivo não foi afetado, visto que essa condição se deu em lavouras que já estavam com o desenvolvimento do grão definido.

Contudo, a produção final sofreu decréscimo em comparação com a temporada anterior, por conta da diminuição da área plantada, que ocorreu particularmente em áreas manejadas em sequeiro. O principal motivo dessa redução esteve associado a questões mercadológicas, visto que os preços pagos pelo feijão recentemente foram considerados baixos em relação ao seu custo de produção, tornando-se menos competitivo frente a outros cultivos de verão, como a soja. A maior probabilidade é que essa redução atual seja fruto de um redirecionamento, com boa parte desses produtores migrando o plantio do feijão para a terceira safra, entre abril e maio de 2026.

Paraná: a colheita está em fase final, restando apenas 4% da área total (houve ajuste nas estimativas, com ligeiro incremento de área em relação ao levantamento anterior). Essas lavouras remanescentes já se encontram em maturação, devendo ser colhidas nas primeiras semanas de março. As janelas com clima estável foram usadas para o avanço das operações.

O ciclo apresentou boas condições gerais, sem grandes perdas por adversidades climáticas ou anomalias fitossanitárias. Ainda assim, ficou com uma média de produtividade abaixo do que na safra 2024/25, que foi de excepcional resultado.

Quanto à destinação de área, o presente ciclo registrou redução considerável em comparação ao exercício anterior, reflexo direto da queda nos preços na época da semeadura devido ao excesso de oferta. Esse recuo também foi influenciado pela melhor rentabilidade do milho, pelos elevados custos de produção do feijão e pela saída de produtores eventuais que haviam ingressado na cultura, atraídos por picos de preços passados.

São Paulo: com um plantio mais antecipado que os demais estados produtores, a produção de feijão primeira safra em São Paulo está consolidada, com a conclusão da colheita em janeiro de 2026.

A cultura apresentou um bom desenvolvimento geral, sem danos fitossanitários ou por adversidades climáticas, resultando em uma média de produtividade superior ao ano passado. A qualidade dos grãos também foi considerada positiva.

Santa Catarina: a cultura encontra-se nas fases finais do ciclo, com lavouras em maturação e colheita. O desenvolvimento foi heterogêneo ao longo de todo o período, visto que a irregularidade climatológica influiu diretamente,

com episódios de frio fora de época, excesso de chuvas e calor intenso em etapas diferentes do ciclo.

Mesmo com esse cenário de heterogeneidade entre as regiões produtoras ao longo do ciclo, a condição geral da cultura é boa, com produtividade média esperada ligeiramente superior ao resultado do ano passado.

Houve maiores cuidados com a parte fitossanitária, especialmente nos momentos de chuvas demasiadas, registrando-se aumento na incidência de doenças fúngicas e, conseqüentemente, requerendo maior controle.

Rio Grande do Sul: as primeiras lavouras ingressaram no estágio reprodutivo ao longo do último mês, e algumas áreas já se encontram na fase de enchimento de grãos.

O cultivo, que é tradicionalmente mais tardio em comparação ao feijão-preto de primeira safra, concentra-se em uma região de maior altitude, Planalto Superior, onde as condições edafoclimáticas são favoráveis à cultura, mesmo nesse cenário de semeadura mais tardia. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção. Também há um bom cenário pluviométrico até o momento, com chuvas regulares e localizadas desde o início do ano, permitindo que as plantas apresentem bom desenvolvimento.

Distrito Federal: as chuvas em fevereiro foram menos volumosas que no primeiro mês do ano, e isso foi importante para viabilizar a maturação, secagem e colheita dos grãos, que foi concluída ao final do mês.

Alguns poucos lotes tiveram queda de qualidade pelo excesso de umidade na maturação, contudo a maioria dos grãos obtidos foram de ótimo padrão

e com uma produtividade média bastante satisfatória, especialmente pelo alto nível tecnológico empregado na região produtora, até mesmo com uso de irrigação suplementar.

Mato Grosso: as condições climáticas têm sido bastante favoráveis à cultura, com chuvas que se intercalam com dias mais estáveis, algo que viabiliza também a maturação/secagem e colheita dos grãos.

A colheita foi iniciada no último mês e avançou significativamente, aproximando-se da metade da área total ao final de fevereiro. Os grãos obtidos têm apresentado boa qualidade e produtividade média próxima ao valor alcançado em 2024/25, que foi considerado bom.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a colheita está em fase final, restando apenas 2% da área total (houve ajuste nas estimativas, com ligeiro incremento de área em relação ao levantamento anterior). Essas lavouras remanescentes já se encontram em maturação, devendo ser colhidas nas primeiras semanas de março. As janelas com clima estável foram usadas para o avanço das operações.

O ciclo apresentou boas condições gerais, sem grandes perdas por adversidades climáticas ou anomalias fitossanitárias. Ainda assim, ficou com uma média de produtividade abaixo do que na safra 2024/25, que foi de excepcional resultado.

Quanto à destinação de área, o presente ciclo registrou redução considerável em comparação ao exercício anterior, reflexo da queda nos preços na época da semeadura devido ao excesso de oferta. Esse recuo também foi

influenciado pela melhor rentabilidade do milho, pelos elevados custos de produção do feijão e pela saída de produtores eventuais que haviam ingressado na cultura, atraídos por picos de preços passados.

Santa Catarina: a cultura encontra-se nas fases finais do ciclo, com lavouras em maturação e colheita. O desenvolvimento foi heterogêneo ao longo de todo o período, visto que a irregularidade climatológica influiu diretamente, com episódios de frio fora de época, excesso de chuvas e calor intenso em etapas diferentes do ciclo.

Mesmo com esse cenário de heterogeneidade entre as regiões produtoras ao longo do ciclo, a condição geral da cultura é boa, com produtividade média esperada ligeiramente inferior ao resultado do ano passado (houve ajuste com incremento na estimativa nesse levantamento em comparação com o divulgado no mês passado em virtude dos melhores resultados nas lavouras mais tardias).

Houve maiores cuidados com a parte fitossanitária, especialmente nos momentos de chuvas demasiadas, registrando-se aumento na incidência de doenças fúngicas e, conseqüentemente, requerendo maior controle.

Rio Grande do Sul: a colheita avançou bastante no último mês, chegando a mais de três quartos da área total colhida até o fim de fevereiro. A exceção ficou por conta das áreas localizadas no Planalto Superior, que apresentam calendário de plantio e colheita mais tardio e, assim, ainda estão com lavouras em campo, bem como pequenos talhões já em maturação em áreas da região Sul e Depressão Central.

Quanto às condições gerais da cultura ao longo do ciclo, observou-se oscilações climáticas importantes, que tiveram intensidades diferentes

entre as distintas regiões produtoras. As lavouras no Planalto Médio, por exemplo, sofreram bastante com restrição hídrica e altas temperaturas entre novembro e dezembro de 2025, uma vez que esse período coincidiu com as fases reprodutivas da cultura, comprometendo assim a formação das vagens e enchimento dos grãos.

Já no Planalto Superior, principal região produtora da cultura no estado, as lavouras apresentaram desenvolvimento mais regular, auxiliadas pelas chuvas mais volumosas e bem distribuídas em comparação às demais regiões produtoras do estado. Assim, na média, a produtividade alcançada deverá ser ligeiramente inferior àquela obtida em 2024/25, mas com um resultado considerado adequado para o histórico estadual.

Minas Gerais: a evolução da colheita foi expressiva no último mês, especialmente nas regiões onde o clima foi mais estável. Nos dias ensolarados e de poucas chuvas, as operações de sega foram intensificadas, aproximando-se do final do ciclo.

A previsão de incremento da produtividade média, em comparação à temporada passada, ainda se mantém, porém o potencial produtivo foi reduzido, principalmente pelo resultado em lavouras mais tardias que foram afetadas por mosca-branca, bem como pelas irregularidades pluviométricas em áreas de sequeiro.

Quanto à qualidade dos grãos, a maioria apresenta padrão satisfatório, mas há perdas importantes por conta de ataque de pragas e por excesso de umidade na maturação e colheita.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: mesmo com atraso no início das chuvas nas regiões produtoras (exceção ao sudoeste), houve evolução do plantio, que foi concluída no estado em fevereiro.

A grande maioria das lavouras segue em desenvolvimento vegetativo, com uma pequena parcela ingressa nas fases reprodutivas de floração e enchimento de grãos.

As oscilações climáticas são expressivas entre as regiões produtoras, tendo um melhor cenário para as lavouras nas áreas do sudoeste, norte e centro-norte do estado. Já no sudeste piauiense há registro de restrição hídrica e térmica, semelhantemente ao que ocorreu nessa mesma região na temporada passada. Ainda assim, espera-se que o potencial produtivo seja bem maior no atual ciclo em razão das boas condições visualizadas nas demais regiões produtoras.

Bahia: em fevereiro houve redução do volume pluviométrico, mas com boa distribuição dessas precipitações, principalmente na região oeste. Isso ajudou na manutenção de boas condições gerais para as lavouras e também viabilizou um cenário propício para a evolução da colheita, que ultrapassou a metade da área total.

Há bom aspecto fitossanitário, sem danos significativos provocados por pragas ou doenças.

Tal cenário é bem diferente do ano passado, que sofreu com adversidades climáticas (prolongadas estiagens) e perdas relacionadas ao ataque de mosca-branca em muitas lavouras. Isso explica a previsão de aumento na produtividade média estimada em comparação ao resultado da safra 2024/25.

Maranhão: a semeadura foi concluída em fevereiro, e se confirmou a expectativa inicial de diminuição na destinação de área para o plantio em comparação com a safra 2024/25, especialmente por conta da concorrência com outros cultivos/forragens e das oscilações climáticas em algumas localidades do estado.

No estado há predomínio do cultivo familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em sistemas consorciados com as culturas de arroz, milho e mandioca, o que resulta frequentemente em baixos rendimentos.

As lavouras estão desde a fase de emergência até o estágio de maturação, naquelas áreas de plantio mais cedo, em novembro de 2025. As chuvas, embora esparsas, vêm atendendo a demanda hídrica básica da cultura, principalmente nas lavouras concentradas no sul do estado, onde as precipitações estiveram menos irregulares. Nas demais regiões produtoras, o clima é mais desafiador e deve afetar o potencial produtivo da cultura.

Minas Gerais: a evolução da colheita foi expressiva no último mês, especialmente nas regiões onde o clima foi mais estável. Nos dias ensolarados e de poucas chuvas as operações de sega foram intensificadas, aproximando-se do final do ciclo.

A previsão de incremento da produtividade média em comparação à temporada passada ainda se mantém, porém o potencial produtivo foi reduzido, principalmente pelo resultado em lavouras mais tardias.

Quanto à qualidade dos grãos, a maioria apresenta padrão satisfatório, mas há perdas importantes por conta de ataque de pragas e por excesso de umidade na maturação e colheita.

Tocantins: a colheita, que já havia sido concluída nas áreas irrigadas, está em fase final nas lavouras de sequeiro, restando poucos talhões para concluir a sega. As lavouras remanescentes já estão em maturação, se preparando para a colheita.

As condições gerais da cultura são boas, tanto nas áreas de várzea (irrigadas), quanto nas lavouras de sequeiro, que foram beneficiadas com o ótimo regime de chuvas visualizado na maior parte do ciclo.

A expectativa é de acréscimo na produtividade média total em comparação com a temporada passada.

Mato Grosso: as condições climáticas mantiveram-se favoráveis à cultura, com chuvas intercaladas com períodos de estabilidade climática. Isso tem beneficiado a maturação dos grãos e viabilizado a colheita, que já está praticamente finalizada.

As lavouras apresentaram vigor vegetativo e reprodutivo consistente e apontam para uma boa produtividade média superior à temporada passada. A qualidade dos grãos também tem sido elevada.

Pernambuco: a colheita foi finalizada em janeiro, confirmando a redução na produtividade média esperada, em virtude da irregularidade das chuvas durante o ciclo, com períodos de estiagem, que acabaram afetando o potencial produtivo da leguminosa.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
UF	Mesorregiões	Produ- ção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C					
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
MT	Norte Mato-grossense	0,69			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C				
DF	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
MG	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
SP	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C						
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
SC	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C			
	Norte Catarinense	1,43		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
	Serrana	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		1.423,0	875	1.244,7
2020/21		1.446,4	787	1.137,8
2021/22		1.419,1	945	1.341,1
2022/23		1.326,2	962	1.275,8
2023/24		1.528,2	990	1.512,2
2024/25		1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Fev./26	1.369,0	947	1.296,4
	Mar./26	1.346,5	935	1.259,5

Fonte: Conab.

Aproveitando-se do ciclo mais curto do feijão em comparação a outras graníferas, o produtor consegue adequar o plantio da cultura dentro do ano-safra em janelas menores. Isso viabiliza oferta constante do produto ao longo do ano, com semeaduras ocorrendo em diferentes épocas. É o caso do feijão segunda safra, que tem seu plantio começando a partir de janeiro e que se estende, tradicionalmente, até abril.

Nesse período, há uma importante destinação de área para o plantio da cultura, com grande pulverização das lavouras pelo território nacional, com cultivo dos três grandes grupos: feijão-comum cores e preto, além do feijão-caupi.

Atualmente, as lavouras já estão em início de implantação em áreas pontuais, como no Sul do país, mas a grande maioria das áreas ainda estão em preparação para o começo da semeadura a partir de fevereiro/março de 2026.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: embora o volume pluviométrico tenha sido reduzido e as temperaturas médias se mantido elevadas, o último mês apresentou expressivo avanço na semeadura do feijão, mesmo com um nível hídrico nos solos mais baixo. Em algumas regiões, como no oeste e sudoeste paranaense, o estresse térmico e hídrico foi mais proeminente, causando irregularidade no estande de plantas das lavouras.

Ainda assim, a perspectiva é que, no âmbito estadual, haja crescimento na área plantada em comparação a 2024/25, por conta de uma menor oferta de feijão na primeira safra do atual ciclo e também em razão do preço, que apresentou alta nas últimas semanas.

As lavouras implantadas encontram-se entre as fases de emergência até a maturação, com perspectiva de início do plantio nas primeiras áreas já no começo de março.

A expectativa é de retomada das precipitações de maneira mais regular no próximo mês, para mitigar o estresse hídrico e térmico e não comprometer o potencial produtivo da cultura.

Minas Gerais: o atraso na colheita de algumas graníferas de primeira safra, como milho e soja, está afetando diretamente a evolução do plantio do feijão de segundo ciclo, que vem em sucessão a esses cultivos. Assim, as operações de semeadura são incipientes, ocorrendo de maneira pontual e em ritmo mais lento, porém com perspectiva de avanço nas operações a partir de março de 2026.

Mato Grosso: pouco mais de um quinto da área foi semeada até o final de fevereiro. As condições pluviométricas estão favoráveis e ditam o ritmo do avanço do plantio.

Os preços pagos pelo produto têm registrado elevação nas últimas semanas, e isso pode estimular o produtor a optar pelo cultivo. A estimativa atual é de leve aumento na área plantada em relação a 2024/25.

Bahia: previsão de início do plantio apenas para março, ocorrendo majoritariamente em sucessão com áreas colhidas de soja e aproveitando-se desse calendário de plantio mais tardio para atuar como um controle cultural da mosca-branca.

Mato Grosso do Sul: o plantio ainda não foi iniciado.

Paraíba: plantio ainda não foi iniciado.

Pernambuco: plantio ainda não foi iniciado.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: embora o volume pluviométrico tenha sido reduzido e as temperaturas médias se mantido elevadas, o último mês apresentou expressivo avanço na semeadura do feijão, mesmo com um nível hídrico nos solos mais baixo. Em algumas regiões, como no oeste e sudoeste paranaense, o estresse térmico e hídrico foram mais proeminentes, causando irregularidade no estande de plantas das lavouras.

Tal cenário climático gera incertezas, e mesmo o recente aumento nos preços do produto, não mudaram a expectativa inicial de expressiva redução na área prevista para o plantio em comparação com a temporada

anterior. A baixa rentabilidade recente e a migração de produtores para a soja e milho também são fatores que impulsionam essa redução.

As lavouras implantadas encontram-se entre as fases de emergência até à maturação, com perspectiva de início do plantio nas primeiras áreas já no começo de março.

A expectativa é de retomada das precipitações de maneira mais regular no próximo mês, a fim de mitigar o estresse hídrico e térmico e não comprometer o potencial produtivo da cultura.

Santa Catarina: o avanço no plantio foi significativo no último mês, aproximando-se da conclusão da implantação das lavouras no estado. Os preços estão em alta por restrição deliberada de oferta, especialmente no sul do estado, com comercialização controlada após histórico recente de preços baixos. Ainda assim, segue a estimativa de área plantada inferior àquela semeada em 2024/25, principalmente em razão do risco climático desse cultivo em sequeiro nesse período.

Rio Grande do Sul: há certo atraso na semeadura da cultura por conta da irregularidade das chuvas e pelos volumes abaixo do esperado, reduzindo o teor de umidade nos solos e dificultando a implantação e a germinação das plantas. Ainda assim, mais de 80% da área prevista havia sido semeada ao final de fevereiro.

Nas lavouras cultivadas em sistema de sequeiro, o regime pluviométrico desfavorável provocou má formação no estande de plantas e prejuízos ao desenvolvimento inicial das lavouras. As primeiras áreas semeadas já alcançaram o florescimento e apresentam condições ruins, como porte baixo e abortamento de flores.

As lavouras irrigadas, com 15% da área total prevista, apresentam condições opostas, favorecidas pela reposição da umidade pela irrigação e por temperaturas menos extremas que às observadas em verões recentes, apresentando bom porte e sanidade. Nessas lavouras existe bom aporte de recursos por parte dos produtores e são esperadas melhores produtividades.

Das lavouras já implantadas, 81% da área prevista, a maioria segue na fase de desenvolvimento vegetativo e algumas poucas áreas já ingressaram a floração.

Embora as condições das lavouras não sejam adequadas, especialmente as cultivadas sem irrigação, a expectativa de produtividade está mantida próxima (ligeiramente superior) do resultado obtido em 2024/25, em razão das boas condições das lavouras irrigadas e pela possibilidade de recuperação, especialmente nas lavouras mais tardias, com um regime pluviométrico mais generoso a partir de março.

Quanto à destinação de área para o plantio, segue a expectativa de incremento em comparação com a safra passada, mesmo com essas oscilações climáticas. A concorrência com outros cultivos ainda é um fator importante, mas a elevação dos preços do feijão nas últimas semanas incentiva o produtor a optar pela cultura.

Minas Gerais: o atraso na colheita de algumas graníferas de primeira safra, como milho e soja, está afetando diretamente a evolução do plantio do feijão de segundo ciclo, que vem em sucessão a esses cultivos. Assim, as operações de semeadura são incipientes, ocorrendo de maneira pontual e em ritmo mais lento, porém com perspectiva de avanço nas operações a partir de março de 2026.

Paraíba: o plantio ainda não foi iniciado.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: o plantio ainda não foi iniciado.

Bahia: as operações de plantio foram iniciadas no último mês e avançaram consideravelmente, especialmente nas regiões onde as chuvas foram mais regulares.

As lavouras estão em desenvolvimento vegetativo inicial e apresentam boas condições gerais, até o momento.

Mato Grosso: a semeadura foi iniciada no último mês e chegou ao final do período com pouco menos de 20% da área prevista plantada. A estimativa de destinação de área se mantém próxima ao total da temporada passada, porém questões de mercado, climáticas e até de calendário ideal de plantio e colheita, devem influenciar no valor final de área semeada com a cultura no ciclo.

Tocantins: plantio recém-iniciado no estado, ocorrendo, primeiramente, apenas em áreas de manejo em sequeiro, havendo previsão de cultivo em manejo irrigado, porém com plantio mais tardio, devendo ser a partir de abril. As chuvas têm sido volumosas e regulares, algo que favorece a preparação dos solos e a implantação das lavouras.

Maranhão: o plantio ainda não foi iniciado.

Piauí: o plantio ainda não foi iniciado.

Mato Grosso: o plantio ainda não foi iniciado.

Paraíba: o plantio ainda não foi iniciado.

Pernambuco: o plantio ainda não foi iniciado.

Rio Grande do Norte: o plantio ainda não foi iniciado.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,78			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Noroeste Cearense	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Norte Cearense	1,33		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	

continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MG	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Itapetininga	1,71			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Paranaense	1,00	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PR	Norte Central Paranaense	0,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Paranaense	16,97	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	15,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	5,98	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,78	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

A previsão de plantio, da safra 2025/26, estará disponível apenas a partir de maio de 2026.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima a produção de feijão, para a safra 2025/26, em 2,9 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 4,7% em comparação com a safra anterior (2024/25), estimada em 3,1 milhões de toneladas. A retração decorre da expectativa de diminuição tanto da área plantada (-4,2%) quanto da produtividade (-0,6%) da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário reflete, principalmente, os preços menos remuneradores pagos ao produtor no momento da definição de plantio, sobretudo quando comparados aos de outras culturas concorrentes por área. Além disso, a incidência de mosca-branca em algumas lavouras tem contribuído para ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores. Dessa forma, observa-se uma tendência de redução da área cultivada com feijão no país.

No mercado externo, na safra 2024/25, verificou-se aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 533,2 mil toneladas. Esse crescimento foi impulsionado pelos preços internos mais baixos e pela maior disponibilidade de produto no mercado nacional. Para a safra 2025/26, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 214,3 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,7 milhões de toneladas, tanto na safra 2024/25 quanto na safra 2025/26. Observa-se, contudo, uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2024/25 (dezembro de 2025), os estoques são estimados em 135,9 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2025/26 (dezembro de 2026) são projetados em 159,3 mil toneladas.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20		259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21		268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22		121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23		202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24		318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.900,0	343,6	296,0
2024/25		296,0	3.059,9	13,2	3.369,1	2.700,0	533,2	135,9
2025/26	fev/26	105,6	2.966,1	21,6	3.093,3	2.800,0	214,4	78,9
	mar/26	135,9	2.916,1	21,6	3.073,6	2.700,0	214,3	159,3

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em março/2026.

estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.408,2 mil ha
+ 2,6%

PRODUTIVIDADE

6.171 kg/ha
- 4,5%

PRODUÇÃO

138.270,3 mil t
- 2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 10 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25		3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Fev./26	4.043,7	6.603	26.700,3
	Mar./26	4.058,9	6.738	27.350,1

Fonte: Conab.

Com o plantio finalizado no país em fevereiro, após o término da semeadura no Maranhão e Piauí, as atenções se voltam para a colheita, que alcançou 29,5% da área cultivada na primeira semana de março.

No Rio Grande do Sul, maior produtor do cereal na primeira safra, o tempo seco ocorrido em fevereiro, que tanto prejudicou as lavouras de soja,

permitiu um grande avanço nas operações, alcançando 79,0% da área e com produtividades acima das estimadas inicialmente. Nos principais estados produtores, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura durante boa parte do ciclo, e em alguns deles superando as estimativas iniciais de produtividade.

Nesta safra está estimado um cultivo de 4,1 milhões de hectares, um aumento de 7,6% em relação à safra 2024/25, e uma produção de 27,4 milhões de toneladas, 9,7% superior ao último ciclo e reflexo das condições climáticas regulares e ao investimento dos produtores na cultura.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: após um início de ciclo desafiador para a cultura devido à inconstância das precipitações, o retorno das chuvas regulares de dezembro até o atual momento propiciou uma boa recuperação e desenvolvimento das lavouras. Dessa forma, as lavouras, em sua maioria, atravessaram o período reprodutivo em boas condições de umidade no solo. Neste levantamento, a produtividade média foi elevada para 6.935 kg/ha, o que é 11,6% superior que a obtida na safra passada. Cerca de um terço das lavouras já se encontram em maturação e, até o momento, apenas áreas pontuais destinadas à produção de sementes foram colhidas.

Rio Grande do Sul: a área colhida evoluiu 41% durante fevereiro e alcançou 75% da área total cultivada, chegando próxima da conclusão das áreas semeadas no início da janela de semeadura. As produtividades apresentam grande variabilidade em razão dos distintos pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, pela data da semeadura, região produtora, impacto da estiagem de 16 de novembro a 8 de dezembro e outras, fazendo com que mesmo dentro de um mesmo município se observe tal variabilidade.

Nas lavouras colhidas que apresentam perdas, a estiagem ocorrida entre 16 de novembro e 8 de dezembro é apontada como maior razão das perdas de rendimento. Em contrapartida, o bom regime pluviométrico observado até 16 de novembro 2025 e entre 8 de dezembro de 2025 e o final de 2025 permitiram que várias lavouras apresentassem bons rendimentos, acima de 8.500 kg/ha.

Ainda em relação ao suprimento hídrico, vale destacar que a área irrigada é estimada em 17,5% do total. Nestas áreas, as produtividades médias superaram os 10.000 kg/ha. Nas lavouras semeadas tardiamente, a condição é de ruim a regular. Estas áreas foram mais atingidas pela irregularidade do regime pluviométrico observada desde o início de janeiro. De toda forma, nas estimativas da companhia, estas lavouras já apresentam potencial reduzido em relação às áreas semeadas no início da janela de cultivo.

Diante da confirmação de boas produtividades nas áreas irrigadas e em boa parcela das áreas de sequeiro, foi alterada a estimativa de produtividade média final para 7.049 kg/ha, aumento de 6,1% em relação ao estimado inicialmente, mas ainda 7% inferior à boa safra de 2024/25.

Santa Catarina: o cereal apresenta condição geral satisfatória, com produtividades dentro da média estadual. Nas lavouras já colhidas, a produtividade vem sendo considerada positiva em vários municípios, com médias entre 11.000 kg/ha e 12.000 kg/ha. Mesmo assim, estima-se que a média final deva ficar um pouco abaixo da obtida na safra passada, tendo em vista as instabilidades climáticas ocorridas nesta, como o excesso de frio durante o plantio e estiagem entre janeiro e fevereiro de 2026. Áreas implantadas fora da janela ideal apresentaram redução de potencial devido a períodos anteriores de estiagem e calor durante floração.

A pressão de pragas, especialmente cigarrinha-do-milho, permanece sob monitoramento, sem registros de surtos relevantes.

Paraná: a colheita avançou para 42% da área estimada, impulsionada por janelas de tempo seco em fevereiro que, embora favoráveis à entrada das máquinas, vieram acompanhadas de um forte estresse térmico.

O calor extremo de até 38 °C e a irregularidade das chuvas, especialmente nas regiões oeste e sudoeste, aceleraram o metabolismo das plantas e forçaram uma maturação precoce. Esse cenário climático, apesar de acelerar o cronograma de campo, já classifica 6% das lavouras em condição regular, sinalizando que o rigor do clima neste encerramento de ciclo pode limitar o potencial produtivo pleno da safra, que este ano apresenta uma expansão de 25,59% na área plantada.



Foto 4 - Milho 1ª safra - Maturação - São Mateus do Sul-PR

Fonte: Conab.

São Paulo: a colheita avançou lentamente no período devido às chuvas constantes. Apesar disso, as condições favoráveis durante praticamente todo o ciclo do cereal têm propiciado produtividades acima das estimadas inicialmente.

Mato Grosso do Sul: na região norte, as chuvas irregulares registradas em dezembro comprometeram parcialmente o arranque inicial em alguns talhões, porém a regularização das precipitações a partir de janeiro e o bom regime hídrico observado em fevereiro proporcionaram recuperação expressiva do desenvolvimento vegetativo.

As áreas encontram-se predominantemente em florescimento e enchimento de grãos, fases altamente sensíveis à disponibilidade hídrica. As chuvas regulares de fevereiro favoreceram boa polinização, adequada formação de espigas e enchimento uniforme dos grãos. O potencial produtivo regional permanece elevado, com produtividades estimadas acima da média nas áreas com bom nível tecnológico e adequada distribuição de chuvas.

No aspecto fitossanitário, o principal desafio tem sido o aumento da pressão de lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*), favorecida pelo ambiente quente e úmido. A incidência tem exigido maior frequência de monitoramento e aplicações pontuais para manutenção do potencial produtivo.



Foto 5 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Costa Rica-MS

Fonte: Conab.

Mato Grosso: as lavouras exibem desenvolvimento satisfatório, com a colheita incipiente de algumas lavouras, com elevado potencial produtivo. O controle de pragas, em especial a cigarrinha-do-milho, tem garantido a integridade fitossanitária das áreas alocadas à cultura. Mesmo com a adoção de um pacote de média tecnologia, a produtividade média é impulsionada pelas condições favoráveis da primeira safra, e rendimento médio elevado é projetado.

Goiás: o regime de chuvas, desde o início da semeadura, tem sido extremamente favorável para a cultura. A fase de enchimento de grãos, período de maior demanda hídrica, está transcorrendo de forma ideal, o que deve resultar em grãos mais pesados e uma produtividade superior às expectativas iniciais. As lavouras apresentam excelente desenvolvimento, com relatos pontuais de problemas fitossanitários de lagarta de cartucho em algumas lavouras do leste do estado.

Distrito Federal: após a regularização das chuvas em dezembro e as boas chuvas ocorridas em janeiro e fevereiro, as lavouras de milho apresentam ótimo desenvolvimento. As lavouras se encontram em enchimento de grãos e maturação, e a colheita se aproxima do início.

Bahia: as lavouras encontram-se em diferentes estádios fenológicos, abrangendo desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e colheita. De maneira geral, apresentam bom aspecto e desenvolvimento satisfatório. As precipitações têm sido bem distribuídas e regulares nas regiões oeste e centro-sul. Apenas as áreas da microrregião de Jacobina, Senhor do Bonfim e centro-norte do estado, tiveram a capacidade produtiva reduzida devido à restrição hídrica.

Maranhão: o plantio foi finalizado no estado em fevereiro. Houve atraso na implantação das lavouras de milho nas regiões oeste, leste, centro e norte do estado, em janeiro, devido à irregularidade das precipitações desse período. No entanto, a operação iniciou ou retornou logo que houve regularização das chuvas. As lavouras encontram-se desde a emergência até enchimento de grãos, e o desenvolvimento é considerado satisfatório na maioria das áreas.

Piauí: o plantio foi finalizado no estado, tanto nos talhões de agricultura familiar como nos plantios empresariais. Nesta safra as condições climáticas têm-se mostrado favoráveis para a cultura, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras. Embora tenha tido atrasos no início da semeadura por conta da irregularidade das chuvas, as lavouras se desenvolvem em boas condições.



Foto 6 - Milho 1ª safra - Enchimento de grãos - Bom Jesus-PI

Fonte: Conab.

Rondônia: as condições climáticas ocorridas durante o ciclo do cereal favoreceram as lavouras em todo estado. Apesar das chuvas constantes durante fevereiro, a colheita avançou, alcançando 90% da área cultivada, e as produtividades superaram as estimadas inicialmente.

Pará: as chuvas irregulares do início do plantio causaram atrasos na implantação das lavouras, como ocorreram com outras culturas. No entanto, a partir de fevereiro as chuvas se regularizaram, favorecendo o desenvolvimento da cultura, que estão concentradas, principalmente, na região sudeste.

Tocantins: a colheita avança nas várzeas, com rendimentos variados devido às chuvas irregulares durante o ciclo em algumas áreas. Nas áreas de sequeiro, as chuvas regulares ocorridas no período, favoreceram o desenvolvimento da cultura em todo o estado, e a colheita começará em março.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica														
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C		
TO	Ocidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		

continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SP	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Florianópolis	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 11 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.430,3	6.496	113.228,4
2025/26	Fev./26	17.894,1	6.106	109.262,7
	Mar./26	17.761,5	6.105	108.434,8

Fonte: Conab.

A implantação da segunda safra de milho 2025/26 teve um incremento de 54,3 pontos percentuais no período, passando de 21,6% na primeira semana de fevereiro para 75,9% da área estimada de cultivo já implantada na primeira semana de março, número próximo da média das últimas safras. Apesar disso, o plantio esteve atrasado durante a maior parte de fevereiro, reflexo de um plantio mais tardio em algumas regiões e pelo excesso de precipitações no sudeste e centro-oeste, situação que limitou um maior avanço da área colhida de soja.

O plantio já ocorre em todos os estados que cultivam a segunda safra do cereal. Em Mato Grosso, 92,1% da área já foi semeada, enquanto em São Paulo o plantio está no início. Alguns estados, como Goiás, Maranhão e Minas Gerais, já indicam redução na área destinada ao cereal devido ao atraso na colheita da soja e perda da janela de cultivo ideal para o cereal. A maioria das áreas semeadas apresentam bom desenvolvimento inicial e são favorecidas pelas boas condições climáticas. Entretanto, em algumas regiões do Paraná e Mato Grosso do Sul, a redução das precipitações ocorridas após a segunda quinzena de fevereiro preocupa os produtores.

A estimativa de área e produção, neste levantamento, foram ajustadas para o cultivo de 17,8 milhões de hectares e colheita estimada em 108,4 milhões de toneladas do cereal.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a semeadura da segunda safra manteve progressão acentuada no período, viabilizada pela celeridade na colheita da soja e consequente liberação de área. As lavouras estabelecidas apresentam desenvolvimento inicial satisfatório, favorecido pelas condições climáticas e pela execução de um bom manejo fitossanitário.

Paraná: o plantio no estado atingiu 41,4% da área prevista no final de fevereiro, com o estágio fenológico distribuído entre germinação e desenvolvimento vegetativo. Embora a maioria das lavouras ainda mantenha boas condições, o cenário de campo é de forte contraste: enquanto o centro-leste preserva níveis adequados de umidade, o oeste e o sudoeste enfrentam um quadro crítico de estresse térmico, com temperaturas atingindo 38 °C e severo déficit hídrico.

Mato Grosso do Sul: o plantio alcançou 45% da área estimada no final de fevereiro, com a região sul e municípios próximos da fronteira os mais adiantados. As lavouras implantadas encontram-se predominantemente em estádios iniciais de emergência e desenvolvimento vegetativo inicial (VE-V3), com boa uniformidade de germinação. As condições de umidade do solo são consideradas adequadas em razão das chuvas frequentes registradas em fevereiro, o que favoreceu um estabelecimento vigoroso e bom desenvolvimento radicular inicial. No entanto, o avanço do plantio dependerá diretamente do ritmo da colheita da soja nas próximas semanas e da manutenção de precipitações regulares ao longo de março, visto que algumas áreas paralisaram o plantio devido à baixa umidade no solo na região oeste.



Foto 7 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Aral Moreira-MS

Fonte: Conab.

Goiás: o regime de chuvas de fevereiro cadenciou a colheita da soja e consequentemente o plantio da segunda safra de milho. No final do mês ele alcançou 62% da área estimada de cultivo, mas por diversas vezes foi interrompido devido à falta de áreas colhidas de soja para o plantio ou o solo excessivamente úmido, impedindo acesso das máquinas ao campo. Mesmo assim, as lavouras implantadas encontram-se em fase inicial de desenvolvimento e em boas condições.



Foto 8 - Milho 2ª Safra - Emergência - Itumbiara-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: devido ao atraso da colheita da soja, houve um baixo percentual de milho plantado até o momento, 31% no final de fevereiro. Isso nos indica que nesta safra haja um menor percentual de lavouras semeadas dentro da janela ideal de plantio. Neste levantamento foi registrada redução de 3,7% na área a ser cultivada. No entanto, parte das áreas que poderiam ser cultivadas com o cereal poderão ter outras destinações. Em relação ao desenvolvimento da cultura, apesar do excesso de chuvas, as lavouras implantadas apresentam bom desenvolvimento em sua maioria.

Distrito Federal: os plantios estão em andamento, com 25% da área estimada já semeada, podendo ser observadas lavouras em estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo variando de (VE) até (V4).

Bahia: o plantio foi finalizado, e as lavouras encontram-se em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, favorecidas pelas chuvas frequentes.

Maranhão: com o início da colheita da soja nos municípios dos Gerais de Balsas, no sul do estado, houve início do plantio do milho safrinha, em fevereiro de 2026. As lavouras encontram-se em emergência e desenvolvimento vegetativo, e a área estimada de plantio no estado é de 239,2 mil hectares, redução de cerca de 20% em relação ao ano anterior.

Piauí: a semeadura foi iniciada no segundo decêndio de fevereiro e acompanha o ritmo da colheita da soja. O excesso de precipitações impede um maior avanço nas operações e já preocupa os produtores.

Rio Grande do Norte: a área plantada está estimada em 61 mil hectares, o que representa uma redução de 5% em relação à safra passada. O recuo reflete o comportamento mais cauteloso dos produtores diante das incertezas climáticas e da elevação dos custos de produção, fatores que vêm influenciando a decisão de plantio. O plantio avança no estado, e as precipitações ocorridas no período favoreceram a cultura em todos os estádios.

Tocantins: o plantio avança no estado com 72% da área estimada já semeada. A semeadura acompanha a colheita da soja e as precipitações frequentes, alternadas com períodos de sol, têm favorecido o desenvolvimento do cereal.



Foto 9 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Porto Nacional -T O

Fonte: Conab.

Rondônia: o plantio já ultrapassa a metade da área estimada, mas o atraso na colheita da soja, devido às chuvas intensas, pode impactar a janela ideal de cultivo, aumentando o risco climático para o cereal. Entretanto, as lavouras já semeadas apresentam bom desenvolvimento.

Pará: o plantio da segunda safra se concentra, atualmente, nas regiões sudeste e sudoeste, com 40% da área estimada já semeada. As lavouras encontram-se em excelente estado e são favorecidas pelas boas condições climáticas e pelo bom pacote tecnológico usado pelos produtores.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 12 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		595,6	2.734	1.628,5
2020/21		662,1	3.341	2.211,9
2021/22		637,1	3.664	2.334,6
2022/23		650,1	3.868	2.514,9
2023/24		635,1	4.714	2.993,6
2024/25	Fev./26	587,8	4.228	2.485,3
	Mar./26	587,8	4.228	2.485,3

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab prevê uma colheita histórica de milho na safra 2024/25, com produção total estimada em 141,16 milhões de toneladas — o maior volume já registrado no país. Este desempenho expressivo é resultado da combinação entre ganhos de produtividade no campo e da expansão da área dedicada ao milho de segunda safra.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 é de 90,56 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% em face da safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume está consolidado em 1,8 milhão de toneladas na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, atingiram 41,5 milhões de toneladas na mesma safra, impulsionadas pela ampla oferta interna e pela maior demanda internacional pelo grão. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 12,69 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 7,6% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço foi motivado por perspectivas, no momento de definição de área, de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 1,9% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo de soja e milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 6% na produtividade deverá provocar uma redução de 4,2% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 138,27 milhões de toneladas, representando um recuo de 2% em comparação com o ciclo anterior. Essa ligeira retração está relacionada ao elevado grau de produtividade registrado na safra anterior, beneficiada por condições climáticas particularmente favoráveis.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,4% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar uma leve redução em relação ao ciclo anterior.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2019/20		13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21		15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22		13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23		8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24		7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	83.997,7	38.500,9	1.882,0
2024/25		1.882,0	141.157,6	1.845,8	144.885,4	90.564,8	41.631,5	12.689,1
2025/26	fev/26	12.689,1	138.448,2	1.700,0	152.837,3	94.576,0	46.500,0	11.761,3
	mar/26	12.689,1	138.270,3	1.700,0	152.659,4	94.564,5	46.500,0	11.594,9

Fonte: Conab.

Nota: *estimativa em março/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.434,8 mil ha

+2,3%

PRODUTIVIDADE

3.672 kg/ha

+1,4%

PRODUÇÃO

177.846,7 mil t

+3,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21		39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23		44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24		46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25		47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Fev./26	48.434,4	3.675	177.985,0
	Mar./26	48.434,8	3.672	177.846,7

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Fevereiro foi um mês desafiador para o produtor de soja, com excesso de precipitações no Centro-Oeste e Sudeste, e falta de chuvas significativas em grande parte do Rio Grande do Sul. Durante a primeira quinzena do mês, precipitações frequentes em grande parte do país dificultaram a entrada das colhedoras no campo, visto que em Goiás e Minas Gerais algumas regiões ficaram vários dias seguidos sem condições para trilha.

Já no início de março, as Regiões Norte e Nordeste são as que têm os trabalhos de campo prejudicados pelo excesso de chuvas. Apesar disso, os trabalhos evoluíram, e a colheita alcançou 50,6% da área cultivada na primeira semana de março, com o Mato Grosso liderando a corrida com 89,2% da área já trilhada. Entretanto, a mesma chuva que atrasou os trabalhos de colheita favoreceu as lavouras que se encontram desde o desenvolvimento vegetativo, no Maranhão e Pará, até em enchimento de grãos nos demais estados.

O Rio Grande do Sul, infelizmente, foi o único estado onde as condições climáticas não favoreceram a soja em fevereiro. Após um início de ciclo promissor, que perdurou até meados de janeiro, o corte nas precipitações e as altas temperaturas ocorridas no período afetaram as lavouras em todo o estado, que resultaram em redução da produtividade estimada neste levantamento.

Neste levantamento, a área cultivada de soja está estimada em 48.434,8 mil hectares e a produção está estimada em 177.846,7 mil toneladas, 3,7% superior à da safra 2024/25. Apesar da redução de produtividade no Rio Grande do Sul, a produtividade está estimada em 3.672 kg/ha devido aos aumentos em diversos estados, compensando esta perda.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita da soja manteve progressão consistente durante fevereiro, viabilizada pela alta capacidade operacional dos produtores no aproveitamento das janelas climáticas. Essa celeridade nas operações de campo mitigou os efeitos das precipitações frequentes e impulsionou a implantação das culturas de segunda safra, com destaque para o milho. Até o momento, a sanidade dos grãos permanece preservada, sem registros de incidência de grãos ardidos acima dos níveis de tolerância nas principais regiões produtoras, assegurando a qualidade do produto colhido.

Rio Grande do Sul: as condições meteorológicas provocaram perdas consolidadas nas lavouras de soja do estado. Apesar da maioria das lavouras apresentar boas populações e plantas vigorosas, a irregularidade observada na distribuição das chuvas e os baixos volumes precipitados, desde o início de janeiro em algumas regiões, e em todo estado a partir da metade de janeiro, reduziram a disponibilidade hídrica para as plantas em período extremamente crítico para a cultura, resultando em abortamento de flores e vagens, além de uma expectativa de redução no peso de grãos.

No Alto Uruguai, as perdas decorrentes da estiagem estão consolidadas, com projeção de produtividade média regional em torno de 2.700 kg/ha. Contudo, as estimativas apresentam elevada variabilidade entre as áreas, em razão da distribuição irregular das precipitações em determinadas localidades e das diferenças na capacidade de retenção de água dos solos.

A Região Central, Fronteira Oeste, Missões, Região Sul e Campanha são as mais atingidas pela estiagem que assola o estado. Em algumas localidades o período sem chuvas superou mais de 30 dias. As chuvas da metade final de fevereiro ajudaram, mas são necessárias novas precipitações. Em algumas localidades destas regiões, as estimativas de produtividade final já são inferiores a 2.000 kg/ha.

No oeste do Planalto Médio, as altas temperaturas, associadas à escassez de chuvas durante fases críticas, especialmente em enchimento de grãos, promoveram redução na expectativa de produtividade, especialmente em solos mais leves. Considerando que a expectativa inicial já não era elevada, estima-se uma quebra média próxima de 10% na produtividade regional, mas a perda em relação ao potencial das lavouras pode superar 20%.

No leste do Planalto Médio e Planalto Superior, onde o pacote tecnológico é

superior, as estimativas iniciais chegam a ser superiores a 4.000 kg/ha, mas o período de estiagem foi muito prejudicial às lavouras, e as estimativas de perdas estão próximas de 25%.

A partir da segunda quinzena de fevereiro ocorreram algumas precipitações, em todas as regiões do estado, que provocaram a recomposição momentânea da umidade no solo, aliviando os sintomas de estresse hídrico. Ainda assim, em locais onde a seca foi mais severa antes dessas chuvas, os danos já são considerados irreversíveis em boa parte da produção.

Diante do cenário exposto, foi atualizada a estimativa estadual de produtividade média final para 2.769 kg/ha, redução de 12% em relação ao estimado inicialmente pela companhia. Salientamos, porém, que novas chuvas são extremamente necessárias para um bom enchimento de grãos e à confirmação desta produtividade.

Paraná: a colheita da primeira safra apresentou evolução acelerada, atingindo aproximadamente 37% da área total até o final de fevereiro, impulsionada pelas altas temperaturas que reduziram o ciclo da cultura.

As precipitações registradas no mês foram determinantes para as áreas em fase de enchimento de grãos (40% em frutificação), contribuindo para a manutenção do vigor das plantas. Atualmente, o quadro fitossanitário e produtivo permanece estável, com a maioria das lavouras classificadas em boas condições. Já as áreas de segunda safra, semeadas após a colheita de milho ou feijão, estão semeadas. Os estágios predominantes são desenvolvimento vegetativo e florescimento, com boas condições na maioria das áreas.



Foto 10 - Soja - Maturação - São Mateus do Sul - PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: fevereiro iniciou a colheita de forma incipiente, mas ganhou maior tração a partir do segundo decênio. Em partes da região oeste e sul, houve redução no potencial produtivo devido ao estresse provocado por altas temperaturas, uma vez que nas regiões e/ou pontos onde houve falta de umidade no solo a quebra da produtividade foi significativa. Justamente nas localidades mais afetadas pelo clima houve ataque relevante de mosca-branca.

De maneira geral, a cultura da soja apresenta lavouras majoritariamente em estádios reprodutivos, com bom potencial produtivo consolidado após a regularização das chuvas ao longo de janeiro e a maior frequência de precipitações em fevereiro.

Do ponto de vista fitossanitário, as condições de elevada umidade relativa do ar, associadas a temperaturas altas típicas do período, favoreceram aumento da pressão de percevejo-marrom (*Euschistus heros*), especialmente nas áreas que se encontram entre R3 e R6, exigindo intensificação do monitoramento e intervenções localizadas. Em relação às doenças, há ocorrência pontual de manchas foliares, sobretudo onde a umidade permaneceu elevada por períodos prolongado.



Foto 11 - Soja - Dessecada - Tacuru-MS

Fonte: Conab.

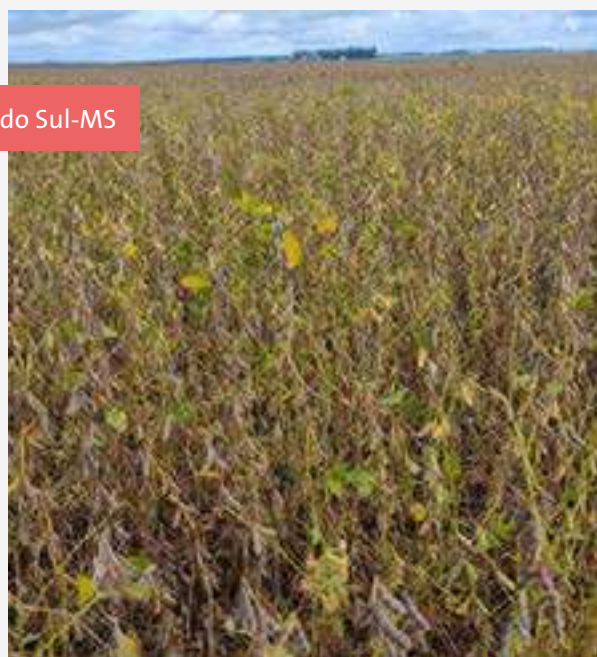


Foto 12 - Soja -Maturação - Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.

Goiás: o regime de chuvas, observado em fevereiro de 2026, atuou de forma distinta sobre as principais regiões produtoras de Goiás. Nas regiões leste, Norte e oeste, a boa disponibilidade hídrica foi fundamental para as lavouras que se encontravam em fase final de enchimento de grãos, garantindo um bom potencial produtivo dessas áreas.

Já na região sul, que concentra aproximadamente 75% da produção estadual, a persistência das precipitações causou interrupções momentâneas nas operações de colheita, elevando a umidade no campo, com problemas pontuais de umidade alta e grãos avariados. No entanto, o cenário mudou positivamente na segunda quinzena do mês: a redução gradual das chuvas favoreceu não apenas a aceleração do ritmo das máquinas, mas também a preservação da qualidade fitossanitária e comercial dos grãos colhidos.



Foto 13 - Soja - Maturação - Itumbiara-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: as chuvas volumosas e frequentes até a primeira semana de fevereiro, impossibilitaram as operações de colheita, sobretudo em áreas irrigadas. Com a redução das precipitações após a terceira semana de fevereiro, foi possível acelerar a colheita e avançar as operações sobre as áreas de sequeiro, de maneira que foi atingido o término deste levantamento, 27%.

Cabe também registrar que as chuvas dos últimos 30 dias acabaram por alongar um pouco o ciclo da cultura. Neste último mês houve relatos de ferrugem-asiática em alguns municípios, uma vez que as condições de umidade e temperatura favoreceram o desenvolvimento da doença. Além disso, a mosca-branca exerceu grande pressão em parte das lavouras na região noroeste. Contudo, as lavouras ainda apresentam elevado potencial, com produtividade estimada em 3.910 kg/ha.

Foi realizada uma pequena correção à menor na área estimada devido ao declínio na semeadura de soja em meados de dezembro e mudança para o milho verão, em virtude dos atrasos da semeadura que ocorreram no início do ciclo.

Santa Catarina: o plantio da safrinha foi finalizado em meados de fevereiro, com as últimas áreas implantadas sobre resteva de milho. A colheita ocorre nas lavouras de cultivares mais precoces, observando-se, entretanto, atraso em relação à safra anterior, devido à semeadura sob condições climáticas menos favoráveis (frio e falta de água), o que prolongou o ciclo além do usual.

O resultado das primeiras áreas colhidas reflete os impactos dessas condições, que somadas à irregularidade das chuvas em determinados períodos durante a fase de formação de grãos, apontam perda do potencial produtivo em algumas regiões. Adicionalmente, registra-se ocorrência pontual de abortamento de vagens em áreas que foram submetidas previamente a estresse hídrico e calor. No que se refere ao monitoramento fitossanitário, observa-se baixa incidência de ferrugem asiática e presença moderada de percevejos, sendo o manejo realizado conforme a necessidade.

São Paulo: a presente safra vem se mantendo em ótimas condições de desenvolvimento durante, praticamente, em todo o ciclo, favorecida pelas chuvas constantes. Entretanto, a constância das precipitações prolongou o ciclo da cultura e tem atrasado os trabalhos de colheita, mas sem interferir na qualidade e produtividade das lavouras.

Distrito Federal: as áreas irrigadas se aproximam da finalização da colheita, com ótimas produtividades sendo obtidas. Nas áreas de sequeiro ela também foi iniciada, mas parte das áreas ainda se encontravam em enchimento de grãos e maturação durante o levantamento. Mesmo assim, diante das condições climáticas favoráveis e pelo bom desenvolvimento das lavouras em campo, a produtividade estimada foi elevada neste levantamento para 4.040 kg/ha.

Bahia: a colheita da soja irrigada avança e deve se estender até o fim de fevereiro. A regularidade das chuvas ocorridas nos últimos dois meses favoreceu o desenvolvimento das lavouras, que vem apresentando bom desempenho. O clima, com altas umidade e temperatura, gerou condições favoráveis para o desenvolvimento das lavouras, mas pode aumentar a pressão de pragas e doenças. Há registros de percevejos, lagartas do gênero *Spodoptera* e incrementos pontuais na população de mosca-branca. As lavouras encontram-se em diferentes estágios fenológicos, incluindo floração, enchimento de grãos, maturação e colheita, que alcançou 30% da área estimada no final de fevereiro, e as produtividades têm sido consideradas satisfatórias.

Maranhão: o plantio foi iniciado em outubro e finalizado nas últimas áreas das regiões oeste, centro e leste do estado, com a regularização das chuvas. Nessas regiões, houve necessidade de replantio de algumas áreas, devido à irregularidade das chuvas em janeiro de 2026.

Na região de Chapadinha e Baixo Parnaíba, no leste do estado, esse cenário de anormalidade das chuvas causou comprometimento do potencial produtivo de parte das lavouras semeadas devido a problemas de nodulação, desenvolvimento de estrutura das plantas adequado e redução do estande, em razão do estresse hídrico.

Na região sul, nos Gerais de Balsas, a colheita foi iniciada em fevereiro, e a operação está ocorrendo paulatinamente, com atraso em comparação ao ano anterior, já que muitas lavouras não estão prontas para a colheita devido à irregularidade das chuvas no início do plantio, em outubro e início de novembro de 2025. Da mesma forma, a colheita está sendo afetada com interrupções, em razão da ocorrência de chuvas frequentes nesse período.

Foi destacado que, na referida região, os veranicos ocorridos durante o desenvolvimento da cultura, em períodos sensíveis como floração e enchimento de grãos, podem causar comprometimento na produtividade da cultura, o que será acompanhado nos próximos levantamentos. Até o final do presente mês, a colheita da soja atingiu 9% da área semeada no estado e deve ocorrer até junho.

Piauí: as precipitações ocorridas em fevereiro favoreceram as lavouras que se encontravam em enchimento de grãos. Entretanto, a frequência das chuvas tem atrasado os trabalhos de colheita devido à alta umidade dos grãos e ao terreno úmido, o que dificulta a entrada das máquinas nas lavouras. No final de fevereiro apenas 7% das áreas semeadas haviam sido colhidas.



Foto 14 -Soja - Enchimento de grãos - Currais-PI.

Fonte: Conab.

Tocantins: a colheita avança no estado e alcançou 47% da área estimada de cultivo no final de fevereiro. As produtividades continuam a superar as estimadas inicialmente e variam a depender da região e do histórico das áreas. No município de Aparecida do Rio Negro, região com áreas consolidadas da parte central do estado, rendimentos superiores a 4.800 kg/ha têm sido alcançados por produtores. Já em Silvanópolis, no noroeste do Tocantins, a produtividade inicial ultrapassa os 3.000 kg/ha. O produto colhido é considerado de boa qualidade, e as lavouras em campo têm recebido volumes de chuva suficiente para a finalização do ciclo.

Pará: o plantio foi encerrado em todo o estado, mas ficou atrasado em relação aos outros anos devido à demora na regularização das chuvas nos polos de Santarém e Paragominas. Apesar dessa demora, as lavouras nessas regiões conseguiram se estabelecer e atualmente apresentam bom desenvolvimento

A região mais estabilizada em relação ao clima no estado pertence ao sudoeste do estado, no polo da Br-163. Esta região foi pouco afetada com os

veranicos e vem obtendo médias de produtividade superiores a 4.200 kg/ha. A colheita ocorreu em 40% da área estimada no final de fevereiro e deve se prolongar até meados de maio.

Rondônia: as chuvas frequentes ocorridas no estado em fevereiro atrasaram a colheita da oleaginosa, mas favoreceram as áreas em enchimento de grãos. As condições climáticas favoráveis durante o ciclo da cultura estão refletindo em produtividades superiores às estimadas inicialmente.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

ESTIMATIVA DE GRÃOS

A Conab realizou um pequeno ajuste na estimativa de produção para a safra 2025/26, que passa a totalizar 177,85 milhões de toneladas, representando uma redução de 138 mil toneladas em relação ao levantamento anterior.

Devido ao elevado volume da safra e às expectativas de exportações robustas em 2026, a projeção de embarques também foi revisada para cima, com um acréscimo de 2,19 milhões de toneladas, passando para 114,39 milhões de toneladas.

A estimativa de esmagamento foi mantida em 60,87 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais registraram queda de 2,33 milhões de toneladas.

ESTIMATIVA DE ÓLEO DE SOJA

A produção de óleo de soja foi mantida em 12,23 milhões de toneladas, enquanto as exportações permanecem estimadas em 1,4 milhão de toneladas, posição que se mantém dentro da média observada nos últimos anos.

Já as vendas no mercado interno apresentam aumento de 467 mil toneladas em relação à safra passada. Esse crescimento é impulsionado, principalmente, pela estimativa de elevação da mistura de biodiesel ao diesel, que deve passar de 15% para 16%.

ESTIMATIVA DE FARELO DE SOJA

A produção de farelo de soja também foi mantida em 46,9 milhões de toneladas, volume 2,43 milhões de toneladas superior ao da safra anterior.

As exportações estão estimadas em 24,7 milhões de toneladas, representando um aumento de 1,4 milhão de toneladas em relação a 2025. Já a estimativa de consumo interno foi mantida em 20,3 milhões de toneladas, volume de 800 mil toneladas acima do registrado na safra anterior.

Um ponto de atenção é o forte aumento nos estoques de farelo de soja. Em razão da maior produção de biodiesel, que estimula o esmagamento de soja, os estoques estão projetados em 6,92 milhões de toneladas.

Esse volume representa um crescimento expressivo de 255% nos últimos cinco anos, indicando um aumento significativo na disponibilidade de farelo no mercado.

TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	969,0	179.680,8	61.309,3	108.181,1	10.190,4
	2025/26	10.190,4	177.846,7	500,0	188.537,1	64.618,1	114.380,6	9.538,4
FARELO	2024/25	3.367,3	44.460,6	0,1	47.828,0	19.500,0	23.300,4	5.027,7
	2025/26	5.027,7	46.891,7	1,0	51.920,4	20.300,0	24.696,0	6.924,4
ÓLEO	2024/25	465,2	11.534,1	105,2	12.104,6	10.334,0	1.362,9	407,7
	2025/26	407,7	12.226,1	100,0	12.733,7	10.801,0	1.400,0	532,7

Fonte: Conab e Secex.
Nota: estimativa em março/2026.
Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.318,3 mil ha

- 5,2%

PRODUTIVIDADE

2.978 kg/ha

- 7,5%

PRODUÇÃO

6.904,8 mil t

- 12,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 16 - TRIGO

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020		2.040,5	2.526	5.154,7
2021		2.341,5	2.663	6.234,6
2022		2.739,3	2.803	7.679,4
2023		3.473,4	2.331	8.096,8
2024		3.058,7	2.579	7.889,3
2025		3.058,7	2.579	7.889,3
2026	Fev./26	2.318,3	2.978	6.904,8
	Mar./26	2.318,3	2.978	6.904,8

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Com a confirmação da produção da safra 2025 de trigo, consolidou-se a base para as previsões iniciais de área e produtividade, mediante o auxílio de modelos estatísticos, acompanhada pela avaliação das tendências climáticas e de mercado.

A previsão inicial, para a safra 2026 de trigo, em que a semeadura, nos principais estados produtores, começa em meados de abril, é de redução das produtividades, uma vez que a safra passada resultou em excelentes

produtividades, especialmente na Região Sul. Para a expectativa de área plantada, o panorama nacional segue marcado por uma conjuntura de condições estaduais diversificadas e pela influência de fatores climáticos e mercadológicos, com tendência, novamente, de redução da área cultivada.

Os primeiros cultivos devem iniciar ainda em março, em áreas de sequeiro em Goiás e Distrito Federal, na intenção de aproveitar uma janela de chuvas adequada. Na Região Sul, principal produtora do país, a semeadura deve iniciar a partir de abril.

OFERTA E DEMANDA

Os preços do trigo apresentaram comportamentos distintos entre Paraná e Rio Grande do Sul no bimestre janeiro-fevereiro. No Paraná, observou-se uma leve desvalorização: o preço passou de R\$ 62,15 em janeiro para R\$ 60,96 em fevereiro, uma redução de R\$ 1,19, o que representa 1,91% de queda, devido à necessidade de se abrir espaço de armazenagem para os produtos das culturas de verão, o que gerou um aumento de oferta.

Já no Rio Grande do Sul, o cenário foi inverso: o preço médio subiu de R\$ 54,76 em janeiro para R\$ 55,09 em fevereiro, variação positiva de R\$ 0,33, equivalente a 0,6% de aumento. A comercialização segue baixa, com o trigo argentino ainda afetando bastante os preços no estado, mas sem a força de outrora, quando a qualidade do grão estava maior e os moinhos estavam preferindo trigo argentino ao nacional.

No mercado internacional, o cenário segue de grande oferta de trigo e estoques elevados. Questões climáticas nos Estados Unidos e na região do Mar Negro, que é a principal área produtora do mundo, no entanto, afetaram

positivamente os preços. A média mensal fechou com valorização de 4,59%, com a média FOB Golfo (Estados Unidos) cotada a US\$ 261,72 por tonelada. Na Argentina, houve perda de qualidade do trigo em relação à safra passada, e o preço médio de fevereiro ficou em US\$ 221,50 por tonelada.

A estimativa é que sejam plantados 2.318,3 mil hectares (-5,2% em relação à safra anterior), e colhidos 6.904,8 mil toneladas (12,3% abaixo da última safra), com produtividade média de 2.978 kg/ha (queda de 7,5% em relação ao último ano), mantendo os valores da previsão anterior. O volume estimado de importação é de 6,8 milhões de toneladas, enquanto a exportação é estimada em 2 milhões de toneladas. Com este cenário, a previsão é encerrar a safra 2025/26 com estoques finais de 2.153,5 mil toneladas.

TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.028,3	940,1
2022	940,1	10.554,4	4.514,2	16.008,7	11.894,1	2.654,0	1.460,6
2023	1.460,6	8.096,8	5.699,8	15.257,2	11.943,6	2.791,0	522,6
2024	522,6	7.889,3	6.822,2	15.234,1	11.890,6	1.872,7	1.470,8
2025*	1.470,8	7.873,4	6.820,6	16.164,8	11.890,6	1.960,1	2.314,1
2026**	fev/26	2.314,1	6.904,8	6.715,5	15.934,4	11.812,7	2.109,5
	mar/26	2.314,1	6.904,8	6.772,4	15.991,3	11.800,8	2.037,0

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em março/26.

* estimativa

**previsão

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso do Sul: o clima foi caracterizado por dias de sol intercalados com precipitações convectivas, onde os acumulados favoreceram boa parte das lavouras.

Na região do bolsão, onde se concentra cerca de 70% da área total de amendoim, os volumes acumulados variaram entre 100 mm e 190 mm, favorecendo assim o grau de umidade no solo. Nas demais regiões, chuvas esparsas e temperaturas favoráveis possibilitaram as lavouras apresentarem um bom potencial produtivo.

De maneira geral, as lavouras de sequeiro encontram-se predominantemente nas fases de enchimento de grãos e maturação, com previsão de colheita somente em março.

De forma pontual, foi relatado a presença de ácaros, porém o manejo adequado e monitoramento constante mantiveram as lavouras com baixa pressão. Por outro lado, devido ao período de chuvas regulares, houve maior incidência de pinta-preta nas lavouras, e os produtores seguem realizando a aplicação de defensivos preventivos na cultura.

Na região sudeste, algumas áreas cultivadas com irrigação de pivô central já iniciaram a colheita, apresentando excelentes produtividades e qualidade de padrão comercial.

Com um cenário mais favorável que o início da safra, os preços do amendoim apresentaram uma pequena reação no mercado doméstico, impulsionados pela maior demanda do produto de qualidade.

Paraná: o clima predominantemente quente de fevereiro acelerou o desenvolvimento vegetativo, a floração e o início da maturação nas regiões produtoras.

A colheita atingiu 3% da área, o restante das lavouras está com 3% em desenvolvimento vegetativo, 16% em floração, 69% em frutificação e 8% em maturação. Nota-se uma redução de plantio na região de Paranavaí, onde produtores migraram para a soja devido aos melhores preços e liquidez. Atualmente, 98% das áreas estão em boas condições e 2% regulares, refletindo o estresse hídrico de setembro e o excesso de chuva em novembro.

Embora o calor de fevereiro tenha favorecido o crescimento e a sanidade das vagens, o deficit hídrico aumentou neste mês, já que as chuvas ocorridas não foram suficientes para normalizar a umidade do solo.

A produção de amendoim no Paraná está concentrada nos polos de Paranavaí e no Norte Pioneiro, sendo cultivada majoritariamente por agricultores familiares. O sistema foca na subsistência, mas o excedente de produção é comercializado com empacotadores e indústrias de beneficiamento regionais, abastecendo o setor de doces e o mercado varejista local.

Minas Gerais: de maneira geral, as lavouras encontram-se em boas condições de desenvolvimento, graças às chuvas desde o final de dezembro, que favoreceram o bom desenvolvimento da cultura.

Para as lavouras mais adiantadas, a expectativa é que perdure até o final de março.

São Paulo: as lavouras encontram-se em boas condições devido às condições climáticas favoráveis, especialmente em relação às precipitações constantes.

Em relação à área cultivada, há uma ligeira redução em relação à safra passada, devido, sobretudo, à substituição pelo cultivo da soja.

Tocantins: as lavouras de amendoim estavam, no momento do levantamento, em enchimento de grãos e maturação, com a colheita prevista entre março e abril.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2025/2026						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GERGELIM

Pará: as lavouras começaram a ser plantadas no polo Redenção e BR-163. As precipitações nesse período garantem bom desenvolvimento.

As primeiras lavouras encontram-se em boas condições, mas com investimentos baixos. Os preços praticados atualmente podem desestimular o cultivo e, a depender das condições climáticas, direcionar parte da área para milho e sorgo.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: está encerrada a colheita dos 6 mil hectares de girassol no estado. A semeadura da cultura se deu entre julho e agosto, e a colheita iniciou em dezembro e foi concluída em fevereiro.

A produtividade da cultura, que foi definida nos meses anteriores, que apresentaram chuvas regulares e boa insolação, garantiram boas condições durante todo o período de formação de capítulo, floração, enchimento de grãos, assim como a falta de chuvas em janeiro e fevereiro foram favoráveis à maturação.

Episódios de chuvas intensas, ao fim de dezembro, causaram perdas. Os resultados produtivos médios no estado são estimados em 1.986 kg/ha. O preço do girassol acompanha o preço da soja. Os grãos de girassol alto oleico, cultivados na safra 2025/26, estavam integralmente contratados, mantendo o preço da soja para o girassol comum e com pagamento de prêmio sobre o girassol alto oleico. Nesta safra, a área cultivada teve incremento de 46,3% em relação à safra passada.

Este aumento se justifica pela disponibilidade de sementes, que foi deficitária

na safra 2024/25, por permitir o plantio de terceira safra (safrinha) e pelo histórico de bons resultados nas últimas safras.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento do cultivo devido ao menor risco de perda nos períodos de estiagem e acréscimo das áreas de cultivo irrigado de inverno na região oeste.

Houve uma redução do volume de chuvas em fevereiro, mas o solo ainda possui reservas de água que auxiliam as plantas. As temperaturas permaneceram elevadas, mas abaixo das máximas registradas em anos anteriores.

As lavouras em campo encontram-se em diferentes estádios fenológicos, abrangendo a semeadura, emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e colheita.

As irregularidades climáticas, observadas na região, não afetaram as lavouras de mamona. No oeste, o plantio está previsto para março de 2026.

SORGO

A safra 2025/26 de sorgo começa a ser estabelecida, com expectativa de novo aumento na área cultivada e na produção. A cultura vem ganhando, cada vez mais, destaque, por sua versatilidade na utilização e maior resistência a estresse hídrico.

Pará: a expectativa é de aumento na área cultivada, expandindo sobre

outras culturas.

Os primeiros cultivos, no polo de Redenção, foram iniciados. Houve boa quantidade de chuvas, inclusive retardando a semeadura em alguns períodos devido às condições de solo encharcado.

Bahia: as lavouras em campo encontram-se em diferentes estádios fenológicos, abrangendo desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. As irregularidades climáticas, observadas na região centro-norte não afetaram as lavouras de sorgo, pois além da tolerância ao estresse hídrico o cultivo é realizado, predominantemente, na microrregião de Irecê, onde as chuvas foram mais regulares. Não há relatos de perdas por problemas fitossanitários.

Goiás: houve a semeadura pontual, até o momento. O plantio deve ganhar velocidade a partir de março, após o término do plantio do milho segunda safra.

Há a tendência de aumento de área de sorgo. Existem usinas de etanol em Goiás empenhadas na compra de sorgo para a produção do biocombustível, o que dá suporte ao aumento de área e à comercialização antecipada da cultura.

As condições climáticas são bastante favoráveis para a semeadura. A cultura é considerada bastante tolerante à seca, porém o início mais efetivo do plantio deve ocorrer em março.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica					
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
					Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2025/2026								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
GO	Centro Goiano	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano	7,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	27,47		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal	2,26			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	6,00		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araçatuba	1,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Bauru	3,67			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,09			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,54			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

Assim como o trigo, as previsões iniciais das culturas de inverno são baseadas em modelos estatísticos, associadas às previsões climáticas e informações preliminares, por meio da nossa rede de colaboradores.

Além disso, os levantamentos preliminares indicam que a intenção de cultivo deve ser influenciada por fatores como crédito, custos de produção, preços ao produtor, disponibilidade de capital para investimento e risco climático.

Conforme a semeadura avança, as informações de área podem ser atualizadas e, no momento em que as culturas apresentem condições de se estimar a produtividade em campo, de acordo com as fases fenológicas, atualizações de produtividade podem acontecer.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

